

O MEDITERRÂNEO ANTIGO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA¹

ANCIENT MEDITERRANEAN: A DIDACTIC PROPOSAL

Manuel Rolph Cabeceiras²

Resumo

Qual o propósito em repensar a Antiguidade sob a ótica do Mediterrâneo? Para atender ao requisito de compreensão dessas sociedades em si (ao invés da Europa ou do Ocidente, algo que não eram)? Para atender à demanda do diálogo presente-passado e, assim, compreender melhor as dinâmicas de formação e transformação de espaços humanizados que são “mundos em si” (em escala planetária ou não)? Sem dúvida, sim para ambas as razões. Berço de fenômenos hoje globalizados (como o alfabeto e a cidadania), derivados das teias de conexões que foram constituindo os diferentes Mediterrâneos na Antiguidade, o artigo busca (1) mostrar a conectividade como resultado das ações de fluxos humanos que atravessaram esse “espaço-mundo” vergando-o em torno de centros privilegiados (as cidades); e (2) sugerir caminhos para apresentar esse Mediterrâneo como questão histórica em sala de aula e em materiais didáticos.

Palavras-Chave: Conectividade. Mediterranização. Períodos históricos. Espaço-tempo. Dialética da duração.

Abstract

For what rethink Antiquity from the perspective of the Mediterranean? To meet the requirement to understand these societies themselves (instead of Europe or the West, something they were not)? To meet the demand of the present-past dialogue and, thus, better understand the dynamics of formation and transformation of humanized spaces that are “worlds in themselves” (on a planetary scale or not)? No doubt, yes for both reasons. Cradle of today globalized phenomena (such as the alphabet and citizenship) derived from the webs of connections that constituted the different Mediterraneans in Antiquity, the article seeks (1) show the connectivity because of the actions of human flows that crossed this “space-world” bending it around privileged centers (cities); and (2) suggest ways to present this Mediterranean as a historical issue in the classroom and in didactic materials.

Keywords: Connectivity. Mediterraneanization. Historical periods. Space-time. Dialectic of duration.

A história nada mais do que uma constante indagação dos tempos passados em nome dos problemas e curiosidades – ou mesmo das inquietações e das angústias – do tempo presente

que nos cerca e nos assedia. Mais do que qualquer outro universo humano, o Mediterrâneo é uma prova disso, ele não cessa de se contar, de se reviver. Sem dúvida por prazer; não menos por necessidade. Ter sido é uma condição para ser (BRAUDEL, 1988, p. 1).

1. A História Antiga no Ciclo Básico do Curso de História da UFF / Niterói

Ao ingressar como docente na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 1997 vindo do planalto conquistense na Bahia³, deparei-me com uma proposta singularíssima fruto de uma reformulação curricular ocorrida em 1992. Os seus principais idealizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas e Ilmar Rohloff de Mattos. A par da ênfase na “formação do historiador em sua dupla função de pesquisador e educador”⁴, enquanto o Ciclo Básico era composto das notórias disciplinas obrigatórias, como introdução geral ao Curso, o Ciclo de Aprofundamento era constituído de disciplinas da escolha do estudante com diferentes graus de condicionamento, se estruturando no cruzamento de três eixos cronológicos (Antiga e Alta Idade Média, Baixa Idade Média e Moderna, Contemporânea) e três linhas temáticas (Economia e Sociedade, Cultura e Mentalidade, Ideologia e Política). Era o espírito das reformas curriculares empreendidas nos Cursos de História que se multiplicaram no país ao longo dos anos 1980 e 1990, empenhadas em flexibilizar o percurso formativo concedendo maior espaço aos interesses do estudante na construção de sua trajetória. No Básico isso se traduziu na UFF também em drástica redução na carga horária destinada às obrigatórias. Em geral, as disciplinas das matérias previstas passaram a ter metade do tempo ao qual se estava acostumado.

O caminho orientado no projeto pedagógico curricular para gerir tal desafio era o de, em cada matéria do Básico (Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, Brasil e América), o docente tratar o curso como uma apresentação geral (ou introdução) às problemáticas tidas como fundamentais em seu âmbito ou domínio, as quais depois seriam aprofundadas, conforme as linhas temáticas discriminadas, no segundo ciclo. Assim, não mais duas “História Antiga”. Apenas uma única obrigatória semestral com 60h condensando duas disciplinas a totalizarem 120h (60h cada): “Antiguidade Oriental” (Antigo Oriente Próximo) e “Antiguidade Ocidental” (Grécia e

Roma Antigas). Todos os aspectos aqui destacados, de um jeito ou de outro, foram mantidos nos ajustes e reformas curriculares seguintes, sobrevivendo mesmo ao fim da organização do ciclo de aprofundamento em linhas temáticas e eixos cronológicos. Pois bem, o desafio desta "História Antiga" tão *sui generis* foi não apenas aceito como abraçado. O que se mostrou "profeticamente" atual à medida que o empenho era por desenvolver práticas de ensino-aprendizagem integradoras do Oriente e do Ocidente mediterrânicos.

Estando entre os principais autores da proposta pedagógica curricular, vali-me dos subsídios e da orientação próxima do especialista em Antiga que a gestou, o Prof. Ciro Flamarion Cardoso, para daí, guiando-me pela ementa, identificados os fenômenos ou processos fundamentais a serem tratados na matéria, construir um programa que traduzisse em objetivos específicos os objetivos gerais da ementa, problemas ou questões a serem respondidas pela turma durante o semestre. Assim surgiu o Programa *História Comparada, Permanências e Rupturas no Mediterrâneo Antigo*, que privilegiando estruturas e as conjunturas mais significativas, sem descuidar da dimensão acontecimental destacada na documentação utilizada durante o curso, foi sendo forjada uma espinha dorsal capaz de adequar-se, promovendo os necessários ajustes, a cada momento. O ponto de partida, como não podia deixar de ser: os estudos das Revoluções Agrícola e Urbana, da ordem social palatino-aldeã nas Civilizações do Crescente Fértil e a ordem social escravista no ambiente das Civilizações do Sequeiro. Quanto à documentação foi privilegiada a referente à Mesopotâmia de Hamurábi, ao Egito das XVIII e XIX dinastias, ao Israel de Saul, Davi e Salomão (foco na mentalidade monárquica oriental e suas instituições e práticas), à formação e crise da Atenas democrática e da Roma republicana (foco na mentalidade cívica e suas instituições e práticas).

2. Novos problemas, novas abordagens? Nova síntese interpretativa!

Século das nacionalidades e da História, umbilicalmente associadas, o longo XIX viu consolidar o ofício do historiador como prática científica, sob as bençãos do positivismo e do romantismo. De tal sorte que os objetos do passado são estudados na perspectiva das nacionalidades triunfantes, utilizando-se desse passado na

legitimação e na compreensão dos Estados Nacionais, os quais passam a canalizar os dilemas e desafios das suas sociedades. Todavia o cenário no qual estavam inseridos era, já desde as Grandes Navegações do XV e XVI, o da crescente planetarização dos horizontes, durante a qual os “mundos em si” que constituíam os diferentes espaços civilizacionais de então vão se tornando mais e mais permeáveis uns aos outros pela intensificação dos contatos (Pierre Chaunu). A seguir, desdobrada a Revolução Industrial nas Revoluções dos Transportes e das Comunicações (XIX e XX), para o bem e para o mal, o mundo nos anos 1960 se percebe “aldeia global” (Marshall McLuhan). E esta imagem adquire mais sentido e significados desde a globalização dos anos 1990, quando de multinacionais tais empresas são tidas como transnacionais, mas não sem vermos simultâneo países firmando tratados e fortalecendo organismos de cooperação multilateral. É o Estado Nacional tentando sair do xeque imposto repetidas vezes pelos conglomerados capitalistas que dele também se servem. Mas não só incursões de flanqueamento ou ações frontais vindas de cima para baixo⁵ ameaçam tal Estado. O que eram escaramuças em sua retaguarda, em algumas situações, vão assumindo dimensões cada vez mais sérias: diversas identidades regionais e locais passaram também a questionar o Estado-nação e os lugares que lhes foram reservados neste concerto. A repercussão na historiografia se fez notável: do século XIX e de até boa parte do XX em torno das histórias nacionais e de seus conflitos (sejam eles políticos, sociais ou econômicos), a grande questão agora a ser respondida passaram a ser duas: o que são e como lidar com os fenômenos da globalização e das identidades, sem perder da mira em distinguir o próprio de cada época ou cultura.

Ora, no exercício de um olhar assim, é inevitável a remissão à obra de Fernand Braudel e, em especial, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (3 vols.), que já em 1949 quando de seu lançamento redesenha a historiografia. Mas não só. As intuições nela apresentadas a respeito do tempo, a sua dialética da duração (os tempos longo, médio e curto), lograram seguir orientando as pesquisas de Braudel fazendo dele, pelo conjunto da obra, o maior historiador do século XX, não obstante com o passar dos anos bastante mais citado que lido. E, a respeito do nosso tema, estudando os tempos modernos, antecipou o

Mediterrâneo como sujeito da História, sujeito este a exercer cada vez mais atração sobre os historiadores da Antiguidade.

Todavia, não é isenta de dificuldade perspectivar a História Antiga desde o Mediterrâneo e disto excelente exemplo nos é dado por um autor do porte de Moses Finley, já em sua obra mais impactante, *A economia antiga* (*The Ancient Economy*, 1973 [ed. portuguesa, 1980]⁶), quando enfrenta o problema do recorte ao tentar definir “economia antiga”, “economia” e “história antiga”. Finley é especialista no mundo greco-romano. Entende que culturalmente é isso mesmo, um mundo, o qual acabou por se estender a todas as áreas banhadas pelo Mar Mediterrâneo e está convicto de não haver qualquer vínculo de natureza econômica a integrá-lo. A sua defesa da integração é alicerçada nessa cultura, o que o leva a se questionar se será legítimo excluir (1980: p. 32):

(...) as importantes e fecundas civilizações do Próximo Oriente antigo, os sumérios, babilônios e assírios, os hititas, cananeus, hebreus e fenícios, os egípcios, os persas? (...) não é argumento para inclusão acentuar as ligações econômicas e culturais entre o mundo greco-romano e o Próximo Oriente (...). O que importa é a forma como as duas civilizações (ou complexos de cultura) divergem completamente em tudo.

Conclusão: em Finley as diferenças de natureza estrutural comprometem o Mediterrâneo como unidade de análise. Não concebe que contatos frequentes ao mesmo tempo que integram possam acentuar diversidade identitária⁷. E, assim, nessa realidade mediterrânica ao mesmo tempo diversa e una, rejeita a simultaneidade desses aspectos e prefere a diferença que exclui. Entretanto, não há como evitar o lugar-comum “que durante grande parte da sua história o mundo greco-romano esteve ligado pelo Mediterrâneo (...) vivendo à volta do mar como formigas e rãs à volta de um charco” (p. 36-37), inspirado no *Fédon* (109b) de Platão. E, por fim, destaca ser esta área uma única “região climatérica” com “chuvas de Inverno e longas secas de Verão, por solos leves e culturas de sequeiro na maior parte, em contraste com a cultura de irrigação em que tanto se baseava a economia do Próximo Oriente antigo” (p.37), algo que Braudel também insiste e mostra como tal realidade também se abate sobre o deserto.

Antes de Finley, Braudel se aventurara em 1969 a escrever *Memórias do Mediterrâneo: Pré-História e Antiguidade*, o qual por problemas do editor não saiu da gaveta. Só seria publicado após a sua morte (1985) em 1998 (*Les Mémoires de la Méditerranée*), embora em 1977 algumas das suas reflexões de *Memórias* apareceram na coletânea em dois pequenos volumes, por ele dirigida, *Méditerranée*⁸. Publicados no Brasil os volumes como obras independentes, os textos correlatos acham-se no 1º volume (traduzido como "O Espaço e a História no Mediterrâneo", 1988). Ambas as publicações, no geral, passaram como despercebidas entre os historiadores da Antiguidade. De lá para cá as pesquisas avançaram e hoje, um especialista no mundo greco-romano se sente à vontade para reconhecer: "Em termos históricos, não é mais possível negar a influência de egípcios e mesopotâmicos nas transformações que ocorreram no Mediterrâneo desde o século XV a.C." (GUARINELLO, 2013: p. 44).

Contudo, o principal problema e desafio é o da transdisciplinaridade, que permitiria a partir do princípio organizador mediterrânico, extravasar da área de conforto na qual se formou o especialista e das pesquisas próprias empreendidas como historiador para propor sínteses interpretativas mais amplas tomando como referência uma bibliografia crítica o mais ampla e diversificada possível sobre áreas de conhecimento que não lhe são próprias por formação. E simultâneo estabelecendo diálogos com especialistas em civilizações cujo domínio lhe falte⁹. Entrementes, para as questões cuja investigação investe, o profissional se dedica a suprir lacunas de formação, reinventando-se. Até que, de especialistas tardios se possa formar especialistas em estudos mediterrânicos desde cedo.

3. O uso de Braudel e Guarinello na Sala de Aula.

Para produzirmos um novo recorte da História Antiga é preciso abandonar preceitos e ideias muito arraigados. Podemos começar dizendo o que ela não é. Não é a História Universal, não é a História de uma civilização superior, não é a História do Ocidente. Não é igualmente uma História de sucessivas nações: Oriente Próximo, Grécia e Roma.

Mas continua sendo uma parte importante da História Mundial, sem a qual não podemos compreender como surgiu o mundo contemporâneo (GUARINELLO, 2013: p. 47).

História Antiga de Norberto Guarinello é uma obra oportuna não apenas por atualizar a de Braudel a respeito dos fenômenos específicos ao Mediterrâneo Antigo do 1º Milênio a. C. ao Vº século da era cristã (é o seu recorte). Traz também a quem inicia o curso de História de maneira acessível duas boas palavras a lhe capturar a dinâmica: “conectividade” e “mediterraneanização”¹⁰. Da segunda à frente tratamos. A primeira é contribuição de Horden e Purcell, saudada por uns como inovadora e criticada por outros a apontarem deficiências importantes. Uma obra polêmica: *O Mar Corruptor: um estudo da História do Mediterrâneo* (*The Corrupting Sea*, 2000, sem tradução para o nosso idioma). Na esteira de *O Mediterrâneo e Felipe II* (desconhece *Memórias*), o Mediterrâneo para Horden e Purcell é longa duração lendo-a como ecologia histórica. Vale retomar, da apresentação feita por Guarinello do texto, as linhas fundamentais:

Sua preocupação é entender como o mar Mediterrâneo afetou as relações entre os povos às suas margens. Esse mar é um imenso lago (...). Trata-se de um mar amigável e que acelera as comunicações (...).

Por fim, a margem norte do mar é mais povoada e navegável que a do sul, cuja costa tem poucos portos e fica próxima ao deserto do Saara.

Os estudos sobre o Mediterrâneo não têm por objeto, propriamente o mar, mas as terras influenciadas por ele. É nas terras, não no mar, que vivem os mais diferentes povos. O mar os separa e os distancia (...), mas também os aproxima, pois as comunicações por mar são mais rápidas que as por terra. (...)

(...) Todo ano, em alguns lugares do Mediterrâneo, chove menos do que o necessário e há crises periódicas de produção (...). Todos os lugares são “microrregiões” (...) mantendo-se permanentemente em contato com outras comunidades. Todas dependem umas das outras. A chave para sua sobrevivência é o que os autores chamam de “conectividade” do mar. Ela possibilita infinitas conexões (...).

Para ambos os autores, todas as comunidades do Mediterrâneo viviam numa rede de conexões, não existiam isoladamente, mas no interior de uma grande teia de relações. (...)

A ecologia do Mediterrâneo não definiria, para Horden e Purcell, apenas limites, mas também possibilidades de exploração. O poder físico, de dominação, embora surgido na rede de contatos, não era exercido apenas nas rotas marítimas, como também sobre as terras e os seus habitantes. Por isso, (...) a grande mobilidade de pessoas, movidas pela colonização e pela escravidão. Conectividade e

mobilidade são os dois conceitos-chave que repercutiram fortemente nos estudos mais recentes sobre a região.

(...) A ideia de conectividade foi rapidamente associada ao desenvolvimento da internet, como se o Mediterrâneo fosse um espaço de comunicação sem fronteiras. Foi, sem dúvida, sua inspiração. (GUARINELLO, 2013: p. 50-52; os grifos são nossos).

Talvez o maior complicador em Horden e Purcell ao se proporem assumir a herança braudeliana esteja no fato de naturalizar o tempo, ecologizando-o. Ora, a Longa Duração pode ser lida de diversos modos, mas um ao qual Braudel desautorizou expressamente é o de associá-la à natureza ou à geografia física sem mais. Ora, se até o espaço em Braudel é sempre movimento (se diz, recordemos, “espaço-movimento”), o que dizer do tempo? Mudança também. Braudel alertou incessante quanto a interpretar a longa duração como remetendo à ideia de imobilidade ou imutabilidade, acentuando o “quase”¹¹ ao lado do imóvel. História implica sempre movimento, embora de duração ou ritmo variável, indicando ser a aparente imobilidade (que se faz resistência e obstáculo a quem a despreze) da longuíssima duração um sentir ou perceber próprio do ser humano. De quem conta a sua vida em dias, meses, anos e até décadas. Não do olhar de Deus que, em sua eternidade, vê mover-se o imperceptível ao suceder de inúmeras gerações: “um amplo foco de visão para observarmos mudanças produzidas pela ação humana” (GUARINELLO, 2013: p. 53).

É preciso resgatar *Memórias do Mediterrâneo*. A obra não é fruto de uma investigação própria em arquivos da parte de Braudel (tal qual *O Mediterrâneo e Felipe II, Civilização Material e Capitalismo, Identidade da França*), não há consulta direta e sistemática à documentação primária. A demanda era outra. Trata-se aqui de uma revisão bibliográfica visando identificar na Pré-História e na Antiguidade o Mediterrâneo como “espaço-movimento-mundo”, um mundo em si. Os dados, devidamente explorados, disponíveis na bibliografia especializada.

Portanto, *Memórias do Mediterrâneo* seja na sua versão integral (1998, edição portuguesa 2001)¹², seja na “abreviada” (1977, edição brasileira 1988 traduzida da francesa de 1985), independente da avaliação que se venha a ter, é imprescindível ao especialista em História Antiga seja para comentar com propriedade a visão de Braudel sobre o Mediterrâneo, seja pelo interesse de ter sido a primeira obra escrita

com o propósito de integrar o Antigo Oriente Próximo ao que os egípcios chamavam “Mar Muito-Verde” e os semitas “Grande Mar”.

3.1. O que é o Mediterrâneo para Braudel nessas obras?

Para começo de conversa, “(...) *uma encruzilhada muito antiga. Há milênios tudo converge em sua direção (...): homens, animais de carga, veículos, mercadorias, navios, ideias, religiões, artes de viver. E até mesmo plantas*” (1988, p.1). Afinal “(...) *um sistema onde tudo se mistura e se recompõe numa unidade original. (...) O objetivo desse livro é mostrar que essas experiências e esses êxitos só podem ser compreendidos se tomados em seu conjunto*” (p. 2 e 4). Depois “*geologia ainda em ebulição*” (p. 8-10) e montanhas a cercarem “*o mar por quase todos os lados*” (p. 10-12), diverso e uno:

Vistas do avião, duas enormes superfícies planas – o deserto e o mar – opõem-se margem contra margem (...).

O deserto é um universo estranho (...). É um outro Mediterrâneo que se opõe ao primeiro e, incansavelmente, reivindica seu lugar. A natureza preparou de antemão (...) essa hostilidade inata. Mas a história misturou os ingredientes diferentes, como sal e água se misturam no mar (p. 11- 12).

A unidade essencial do Mediterrâneo é o clima, um clima muito particular, semelhante de um extremo ao outro do mar, unificador de paisagens e gêneros de vida. É, de fato, quase independente das condições físicas locais, construído de fora por uma dupla respiração, a do Oceano Atlântico, vizinho do oeste, e a do Saara, o vizinho do sul.

Trata-se de terra a conquistar, iniciada, “*na maioria das vezes, pelas colinas e montanhas, onde a vida agrícola foi sempre difícil e precária, mas ao abrigo da malária assassina e dos perigos assaz frequentes da guerra*” (p. 15-17). Transumantes e nômades (p. 20-24) em meio à uma “*vida difícil e muitas vezes precária*” (p. 24-27), em contraponto às “*maravilhosas cidades antigas do Mediterrâneo*”, “*acumuladoras de riquezas e, por isso mesmo, exceções, casos privilegiados. Tanto que cerca de 80 a 90 por cento dos homens ainda viviam nos campos antes da revolução industrial*” (p. 25).

O mar? “*O historiador deve se desfazer, a qualquer preço, dessa visão que transforma o Mediterrâneo atual em um lago. (...) Falar do Mediterrâneo da história é, portanto (...), atribuir-lhe as dimensões verdadeiras (...). Ele sozinho era, outrora,*

um universo, um planeta" (p. 30). O mar? "*Uma modesta fonte de víveres*" (p. 30-34), apesar de "*algumas pescarias abundantes*" (p. 34-36). Navegar? "*(...) contra a distância*" (p. 36-39) e "*contra o mau tempo*" (p. 39-43).

A chave de leitura enfim: o "*Mediterrâneo são rotas por mar e por terra, unidas; quem diz rotas diz cidades, as modestas, as médias e as grandes, dando-se as mãos. Rotas e mais rotas, isto é todo um sistema de circulação, um espaço-movimento*" (p. 49, grifo nosso)! E o encontro com *Memórias*: "Por maior que seja a vastidão do Mediterrâneo, tendo em conta as velocidades de outrora, ele nunca se encerrou na sua própria história¹³. Rapidamente ultrapassou os seus próprios limites" (2001, p. 30):

É exatamente esta a característica fundamental do destino do *Mare Internum*: estar integrado no mais vasto conjunto de terras emersas que existe no mundo: o grandioso, o 'gigantesco continente unitário', euro-afro-asiático, só por si uma espécie de planeta onde tudo circulou precocemente. (...) Aí realizaram as suas trocas decisivas.

Tais fluxos e refluxos são o essencial de um passado sob o duplo signo do movimento (...) tanto podem ser calamidades ou benefícios (p. 30-31).

Detalhe: todos esses elementos já se achavam afirmados seminalmente em *O Mediterrâneo e Felipe II*, nos seus alicerces. Mais praticados que refletidos teoricamente, contudo estão lá. Quando sumaria a primeira parte de sua tese ressoam todos os elementos acima reiterados em *Memórias do Mediterrâneo*:

Os capítulos I, II e III descrevem a diversidade do mar e transcendem espacialmente suas margens costeiras. Se pode falar, nestas condições, da unidade física deste mar (capítulo IV, «A unidade física: o clima e a história») ou de uma unidade humana necessariamente histórica (capítulo V, «A unidade humana: rotas e cidades, cidades e rotas»)? Estas são as etapas cobertas pela ampla seção introdutória, a qual se propõe esboçar os diferentes rostos e o rosto do Mediterrâneo, para assim poder melhor compreender, dentro do possível, seu destino multicolor (1987: p. 28; tradução e grifos nossos)¹⁴.

Em *Memórias do Mediterrâneo* Braudel preferiria designar o "mundo em si" mediterrânico de "economia-mundo", usado à larga para os tempos modernos e contemporâneos desde a sua tese. Chegou até a usá-lo de modo muito específico à Roma antiga ao definir economia-mundo¹⁵. Todavia, ciente dos óbices levantados

pela teoria e das incertezas e lacunas da documentação para a quase totalidade das épocas abordadas, opta por fazer uso do termo civilização.

Pergunta de W. V. HARRIS (2005), o que é uma história antiga do Mediterrâneo distinta de no (apenas situada) no Mediterrâneo? Acabamos de vê-la delineada em seus fundamentos. Mas entenda-os bem: por mais que Braudel integre a geografia física em sua narrativa, tal conhecimento só tem interesse não por si só, mas em virtude dos problemas humanos¹⁶, apenas enquanto há interação mútua com a humanidade. O espaço e o tempo são movimento porque são históricos e históricos por serem humanos, dimensões de uma mesma realidade: o espaço-tempo¹⁷. A história dos historiadores é sempre história social. É de Marc Bloch a imagem do historiador à semelhança do ogro, sempre atrás do cheiro de carne humana¹⁸. Destarte, atravessado por fluxos e refluxos humanos, desenhando e redesenhando o seu espaço nesses movimentos, eis o Mediterrâneo histórico. Nem economia nem cultura, é primordialmente esse espaço humanizado, onde as trocas são tão culturais quanto econômicas ao trafegarem pessoas, ideias, artefatos, comódites, técnicas, costumes, prestígio etc.: "O espaço, fonte de explicação, coloca em causa ao mesmo tempo todas as realidades da história (...): os Estados, as sociedades, as culturas, as economias... E conforme se escolhe um ou outro desses conjuntos, o significado e o papel do espaço se irão modificar. Mas nem tudo completamente". É de "espaço-mundo", portanto, que estamos a falar.

Neste contexto, segue sendo atual, mesmo quando, ao tomar como ponto de partida *O Mar Corruptor*, Ian MORRIS, em *Mediterraneanization* (2003) defende o termo mediterraneanização por analogia ao processo de globalização hodierno. Para Morris, a ideia é dar conta do longo caminho integrador das comunidades em torno do mar através da constituição de variadas conexões, ênfase na sua fluidez, sem deixar de atentar para o fato que, em uma comunidade arrastada para esse processo, os grupos sociais são atingidos de modo variado, como demonstra ao se debruçar nesse texto sobre o oeste da Sicília entre 800 e 300 a.C. Existem os beneficiados e os prejudicados. O termo vem bem a calhar para exprimir o espaço-mundo mediterrânico, não como crescente integração de suas áreas e sim como particular ocorrência do fenômeno de mundialização, o qual no tempo assume

diferentes formas (isto é, diferentes modos de conexão e de ordenamento espacial), sendo possíveis, em meio a perdas e ganhos, avanços e recuos nessa integração.

4. A utilidade do periodizar e a importância em identificar conectores

Felipe II e o Mediterrâneo: um belo assunto. Mas porque não o Mediterrâneo e Felipe II? Outro ótimo assunto ainda? Afinal, entre os dois protagonistas, Felipe e o Mar Interior, as partes não são iguais...
Lucien Febvre em carta a Braudel, 1927 (FEBVRE, 1999, p. 4)¹⁹.

Qual o sentido ou o significado de dividir a história ou uma parte dela em períodos? Reponde-nos FUNARI (2003, p. 32):

A periodização dá conta de uma classificação inicial de determinado processo histórico. A sua utilidade se acha no grau de relevância do fenômeno destacado e dos eventos que lhe são mais salientes, procedendo a determinado ordenamento da narrativa segundo o esquema interpretativo que a sustenta. O interesse em qualquer periodização resulta da sua capacidade enquanto "*instrumentos analíticos*" que são úteis para o conhecimento".

O nosso fenômeno? As formas que a mediterraneização assumiu: "Uma história, quer dizer, uma sucessão cronológica de formas, de experiências. O 'conjunto do mundo', isto é (...) a unidade que se desenha e faz sentir progressivamente o seu peso sobre a vida inteira dos homens, sobre todas as sociedades, economias e civilizações" (BRAUDEL, 1985, p. 52).

Braudel já ecoa no título de *The Great Sea: A Human History of the Mediterranean* do britânico David Abulafia de 2011 (ed. bras. 2014), se achando também presente no enfrentamento do Mediterrâneo de forma mais ampla abraçando-o de 22000 a.C. até a atualidade. E o que entende por Mediterrâneo?

"História do Mediterrâneo" pode significar muitas coisas. Este livro é uma história do mar Mediterrâneo, mais do que uma história das terras em torno dele; mais particularmente, é uma história das pessoas que atravessaram o mar e viveram perto de suas praias, em portos e ilhas. Meu tema é o processo pelo qual o Mediterrâneo tornou-se, em graus variáveis, integrado numa única zona comercial, cultural e até (sob os romanos) política, e como esses períodos de integração terminaram às vezes em uma violenta desintegração, devido tanto a guerras como a pandemias (ABULAFIA, 2014, p. 17: Prefácio, grifo nosso).

Em um recorte espacial bem mais restrito que o de Braudel²⁰, são cinco os Mediterrâneos, grosso modo correspondentes à convencional divisão quadripartite da

PERÍODOS DE INTEGRAÇÃO	SUMÁRIO
1º Mediterrâneo (22000-1000 a.C.)	1.1. Isolados e insulados (22000-3000 a.C.); 1.2. Cobre e bronze (3000-1500 a.C.); 1.3. Mercadores e heróis (1500-1250 a.C.); 1.4. Povos do Mar e Povos da Terra (1250-1100 a.C.).
2º Mediterrâneo (1000 a.C-600 d.C.)	2.1. Os mercadores de púrpura (1000-700 a.C.); 2.2. Os herdeiros de Odisseu (800-550 a.C.); 2.3. O triunfo dos tirrenos (800-400 a.C.); 2.4. Rumo ao Jardim das Hespérides (1000-400 a.C.); 2.5. Talassocracias (550-400 a.C.); 2.6. O farol do Mediterrâneo (350-100 a.C.); 2.7. “Cartago deve ser destruída” (400-146 a.C.); 2.8. “Nosso Mar” (146-150 d.C.); 2.9. Antigas e novas fés (1-450 d.C.); 2.10. (Des)integração (400-600).

História (Antiga-Média-Moderna-Contemporânea) recalibrada nos marcos temporais e cindindo o Mediterrâneo Antigo em dois vista a enorme fratura aberta pelo colapso de 1200 a.C.

É compreensível, dada a vasta amplitude abarcada por Abulafia, a adoção dos períodos convencionais como recurso. Não obstante a narrativa sólida, a periodização em si (exceto o passo do 1º para o 2º) nada nos revela sobre o fenômeno da mediterraneização. Ao leitor atento de Abulafia ver-se-á descortinar à sua frente uma análise bem mais refinada que a expressa nos períodos.

Os Tempos do Mediterrâneo	Marcos Temporais	Descritores	Cidades-Caso
A. 1º Mediterrâneo	2350 a 1200 a.C.	Do Neolítico às Civilizações do Bronze e dos Escritas, da Revolução Urbana de costas para o Mediterrâneo ao Mediterrâneo basicamente oriental. Navegação palatina (“estatal”).	1.1. Ur; 1.2. Tebas (Egito); 1.3. Babilônia; 1.4. Nínive; 1.5. Amarna; 1.6. Cnossos.
B. Colapso, Refluxo e Reconexões	1200 a 814/750 a.C.	“Povos do Mar” e Cataclismas. Micenas e Troia. Ugarit e Biblos. “Balcanização” do Oriente Próximo. No Levante: o Reino de Israel e Jerusalém.	
C. 2º Mediterrâneo	814/750 a 494/474 a.C.	Difusão do Ferro, da cultura do Vinho, do Alfabeto e da navegação privada. Aumento do calado e da estabilidade das naus. Em direção ao oeste mais distante, novos sítios (“colonizações”) surgem na bacia ocidental. Formação das <i>pólis</i> e da falange hoplítica.	2.1. Tiro; 2.2. Gadir; 2.3. Mileto; 2.4. Atenas; 2.5. Corinto; 2.6. Delos.
D. 3º Mediterrâneo	494/474 a 31/27 a.C.	Era das Hegemonias: endemia bélica e integração cultural (grego <i>koiné</i>). Apogeu e crise das sociedades póliades ou cívicas. Difusão do escravismo clássico. Mercenarismo. Roma torna-se maior que o Mediterrâneo.	3.1. Roma; 3.2. Alexandria; 3.3. Babilônia; 3.4. Atenas; 3.5. Cartago; 3.6. Siracusa.
E. 4º Mediterrâneo	31/27 a.C. a (272 d.C.) 455/533.	<i>Mare Nostrum / Orbis Terrarum</i> : da integração política do Mediterrâneo (<i>Pax Romana</i>) à civilização mediterrânica em xequê.	4.1. Roma; 4.2. Alexandria; 4.3. Jerusalém; 4.4. Atenas; 4.5. Antioquia de Orontes; 4.6. Afrodísia.

Assim, se o intuito é identificar nos períodos as alterações nas formas de conectividade é mister ao menos tripartir este último, resultando em cinco períodos e em quatro mediterrâneos: Primeiro (séculos XXIV a XII a.C.); Segundo (séculos VIII a VI a.C.); Terceiro (séculos V a I a.C.); Quarto (séculos I a.C. a V d.C.). Esses limites não podem deixar de ser aproximados, mas se cada período tem as suas marcas (evidenciadas nas mutações dos modos de conectividade) estas tanto devem se fazer presentes nos descritores como características como também, perseverando no horizonte dos séculos como limites, traduzi-los em anos-referência que possam de algum modo remeter a essas mutações de conectividade, espécie de simbolismo da referência: -2350, Sargão I rei de Akkad (Acádia); -1200, Colapso; -814 e -750, fundação de Cartago e de Tarento; -494 e -474, destruição de Mileto pelos persas e vitória naval em Cumas dos siracusanos contra os etruscos; -31 e -27, vitória naval em Ácio de Otávio e Agripa contra Antônio e Cleópatra e Otávio torna-se Augusto; (+272, tomada de Palmira pelos romanos)²¹, +455 e +533, saque de Roma pelos vândalos e tomada de Cartago pelos bizantinos.

Como os dois manuais empregados no Curso disponibilizados aos alunos sobre o Mediterrâneo Antigo são Braudel 2001 (1998) e Guarinello 2013 foi elaborado um roteiro de estudo, consultando ambos os textos (**Apêndice A**), um complementando o que faltava ao outro em parte, e em outra tendo azo quando abordam os mesmos fenômenos ou fatos de se ter uma apresentação alternativa, o que quando se valoriza a comparação como método de estudo é sempre positivo.

O Mediterrâneo só existe enquanto humanizado, isto é quando dotado de algum grau de interação revelando uma frequência para além de um trânsito ocasional. O mar por si só é apenas uma extraordinária possibilidade de conexão, pois mesmo diante de condições de navegabilidade negativas, ainda é bem mais vantajosa a sua travessia em relação às vias terrestres e mesmo fluviais. Desde sempre no comércio a longa distância (e mesmo na curta quando este modal é uma opção, a exemplo da navegação de cabotagem), quando realizado, as vias marítimas são largamente as preferidas conformando tal transporte em espinha dorsal do chamado comércio internacional e motor de integração²². É então que a conectividade passa de possibilidade à realidade, proporcionando que determinada

área, situação ou personagem se torne parte de um todo. Em uma palavra, conectando-a. Através da conexão se insere no mundo e traz o mundo para onde se acha. Ou seja, no caso do Mediterrâneo, mediterraneaniza-a. Mas também se dá quando determinado fenômeno ou processo é resultado desses intercâmbios ou integrações, dessa mediterraneanização.

Assim, por exemplo, é o alfabeto (vide **Apêndice D** e SANG-HO, 2007), produto do 1º Mediterrâneo (resultando dos variados experimentos, com os quais se foi tendo contato ainda antes de seu colapso, de simplificação da escrita empreendidos por povos distintos) e, depois, um conector a partir do 2º Mediterrâneo (quando se torna propulsor das trocas no Mediterrâneo e meio de acessar alguém a este mundo). Também assim se dá com a *pólis* (e a sua expressão militar, o hoplita: **Anexo E**), surgida com a retomada de contatos que resulta no 2º Mediterrâneo, é fruto do modo como tal reintegração se dá e depois, à medida que é “exportada” em alguma de suas manifestações para outras áreas (o mercenarismo no 3º Mediterrâneo e a disseminação do seu aparato urbanístico no 3º e 4º Mediterrâneos), além da própria *pólis*, se torna conectora (ou elemento de conectividade).

Como se constata, apesar da desestruturação inicial, a época do Colapso é fértil e intensa. Os experimentos seguem sendo feitos. Os fenícios, por exemplo, devem ter chegado ao hoje Golfo de Cádiz, no Atlântico, com Gadir (at. Cádiz), entre dois a três séculos antes de fundarem Cartago. Muito está se desenhando, o novo tomando forma. Mas são tempos obscuros no sentido de nos faltar documentação. Quando chega, fenômenos como o alfabeto e a vida cívica (ou *políade*) já “aprenderam a andar”, sendo possível acompanhar apenas o desenvolvimento ulterior, em particular do último, ainda balbuciante.

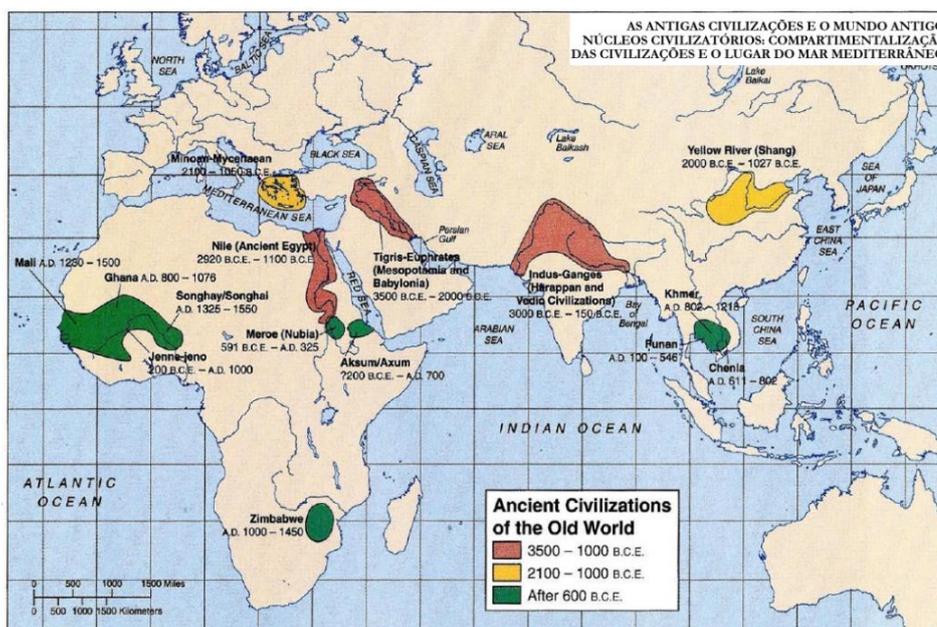
Aliás, a própria vida urbana, nascida de costas para o Mediterrâneo, assim como a agricultura, sofre diferentes metamorfoses e uma vez integrada ao Mediterrâneo também pode ser elemento de mediterraneanização antes mesmo da formação *políade*. Para tanto é fundamental a compreensão o mais exata do que seja esta vida urbana e de como está ela umbilicalmente associada ao espaço como movimento. não são fatores determinantes no modo de vida urbana.

Ora, é assente a ideia de urbanização como espaço definido a partir das noções de volume (de edificações), densidade (populacional e de moradias), heterogeneidade (étnica e social), configurando o que se denomina de morfologia sociodemográfica empregada por arquitetos e urbanistas para distinguir (a partir de dado nível de concentração desses elementos) a cidade do campo (uma “definição minimal da cidade” em SILVANO, 2010: p. 39-40). Todavia, em *La ville: vers une nouvelle définition?* (1992; trad.: *A cidade: rumo a uma nova definição?*, 1994), os sociólogos belgas Jean REMY (falecido em 2019) e Liliane VOYÉ, tendo o espaço como objeto central da sociologia, ao investigarem a relação urbano-rural), contestam a suficiência das características morfológicas, acrescentando a elas um aspecto de caráter funcional, a mobilidade espacial, afirmada como critério fundamental de definição do urbano e como estruturante do espaço e da sociedade e a urbanização como “processo que integra a mobilidade espacial na vida quotidiana” (1994: p. 13). E tanto maior é a mobilidade quanto mais especializados são setores de uma cidade, embora seja desigual o acesso à mobilidade e dependente das condições materiais e culturais. Mais que respostas, contudo as questões levantadas e o lugar concedido à mobilidade como maneira de refletir o espaço ressaltam a convergência com o pensamento de Braudel. Assim como o Mediterrâneo, a cidade é encruzilhada de rotas e à medida que adquire dimensão cosmopolita, na rede de conectividade que se torna o Mediterrâneo, tais cidades mundializadas (ou mediterrânicas) desempenham o papel de “hub” ou concentrador, para manter a metáfora “internética”, concentrando e difundindo tráfego. Daí a importância dessas cidades em uma interpretação do Mediterrâneo como espaço-movimento-mundo-em-si, retomando os aspectos antes abordados. Daí no Quadro 2 as cidades-caso pensadas como a oportunizar uma narrativa que opere na ótica da dialética da duração e se mantenha, tanto na sincronia quanto na diacronia, em alguma medida representativa da realidade multicolor deste universo. A visita de estudos à maquete histórica de Jerusalém²³ reproduzindo a cidade às vésperas da destruição em 70 d.C. no Centro Cultural Jerusalém (CCJ) é um momento importante no estudo, pois na maquete se pode constatar nitidamente, marcada através de suas diferentes muralhas, as etapas da urbanização no 2º, 3º

e 4º Mediterrâneos e sua inserção nestes espaços-mundo, propiciando excelente oportunidade para confirmar o estudado.

Uma investigação centrada em geo-história e espaço-tempo não pode prescindir do uso familiarizado de mapas históricos e da compreensão exata, para além do senso comum, do que sejam os mapas. De serem representações, seguirem convenções as mais variadas e estarem bem longe de serem realistas enquanto retratos de determinado espaço: “Mapas são representações gráficas que facilitam a compreensão espacial de coisas, conceitos, condições, processos ou eventos no mundo humano” nos diz Jerry BROTON (2014, p. 11). Se há vários tipos de mapa, todo mapeamento é fruto de um “poderoso ato imaginativo”, entretanto o seu fruto não é o que representa. Ou seja “*mapa não é território*” (apud p. 14)²⁴. Manifesta sempre um ponto de vista e “é sempre uma visão criativa do espaço que afirma representar”, afinal nas palavras do pintor seiscentista Samuel van Hoogstraten: “O bom mapa é aquele em que se vê o mundo como se fosse visto de outro mundo” (apud p. 14). Todas essas considerações são úteis na ocasião tanto de tomando mapas mudos a serem preenchidos tendo como base o mundo como estamos acostumados a ver representado quanto mapas da época se entenda a eficácia de ambos no contexto em que se acham inseridos. De tal modo a interpretação de mapas é um procedimento a ser desenvolvido.

Figura 1. Ancient Civilizations of the Old World



Na **Figura 1** o mapa traz-nos um quadro das mais antigas culturas urbanas de impacto mais duradouro. Entre as três mais antigas, de leste para o oeste (Indo, Tigre-Eufrates e Nilo), a Mesopotâmia entre os rios Tigre e Eufrates é hoje assentada como a mais anterior no tempo. Há evidências arqueológicas do intercâmbio desta com as demais, sinalizando inclusive numa contribuição desta para as demais em seus respectivos processos de urbanização. Ocorre que, ingressada na idade do bronze, a necessidade de suas elites em adquirir o estanho (mais raro que o cobre) necessário na composição da liga a conduz cada vez mais ao Mediterrâneo através da costa síria (Levante) com vistas a alcançar a Ásia Menor e onde mais fosse necessário²⁵. Assim assistimos a Mesopotâmia que, de naturalmente levada pelos rios que desaguam no Índico para ele tendia (e já firmava também intercâmbio com os povos do Nilo) encetar uma progressiva virada rumo ao Mediterrâneo e, apesar de nunca se entregaria inteira, mantendo-se atraída nos dois sentidos, é notável o movimento dos reinos e impérios que nela se constituem desde a Idade do Bronze avançar decididamente na direção do Levante. O que o mapa da Figura 1 nos exhibe é como entre as culturas urbanas de impacto mais duradouro²⁶, das três de 1ª geração (as mais antigas, cor de terra), duas acabam se voltando para o Mediterrâneo, as quais somando-se à creto-micênica (de 2ª geração, cor de mostarda), abrangendo a Ásia Menor banhada pelo Egeu, compõe um arranjo único no planeta. Inexiste outra área onde três culturas urbanas (ou núcleos civilizacionais) estabeleçam intercâmbio tão próximo. O Mediterrâneo nasce favorecido pelos “deuses”.

Todos esses processos e fenômenos só são devidamente compreendidos reconhecendo os espaços onde ocorreram. Daí mais que nunca o trabalho com os mapas se torna imprescindível e deve acompanhar o estudo dos textos. Aliás objetivando um melhor domínio das referências espaciais e a familiarização do estudante com a leitura de mapas, o capítulo “A terra” de BRAUDEL (1988) inaugura na turma os exercícios com mapa mudo. Nesta primeira lhes era proposto registrar no mapa os topônimos indicados no capítulo em questão. Na verdade, o mesmo mapa mudo era duplicado reservando-se um para os topônimos das áreas continentais e outro para os das demais áreas. O atlas histórico de KINDER &

HILGEMANN (1996) é disponibilizado como fonte de consulta na sua versão eletrônica. No **Apêndice B** (sublinhado o enunciado da questão), em sala de aula, o estudante deve associar ao mapa um relato (em separado) enumerando de 1 em diante (assinalando-os também no mapa) a sequência de regiões com sítios da Revoluções Agrícola (Anatólia ou Ásia Menor, Jericó no Levante, Montes Zagros) e Urbana (Suméria, Vale do Indo, Vale do Nilo) e de setas marcando os movimentos da 1ª Mediterraneização (do Egito para o Hati ou Hatti em confronto, das trocas entre Nilo / Suméria e Fenícia) e os seus conectores no Levante e no Egeu (Biblos, Chipre, Creta). Ainda em relação ao 1º Mediterrâneo a exibir a sua rede de conexões mapa do naufrágio em Uluburun (**Anexo A**) encontrado em BRAICK & MOTA (2012: p. 78-79), achado único inserido neste livro didático como mera curiosidade, sem qualquer relação com o conteúdo e a proposta do livro. Ainda em relação às integrações do 1º Mediterrâneo, representando o início da vida urbana de costas para o Mediterrâneo: **Anexo B** proveniente da Suméria as duas faces maiores de uma placa de madeira trapezoidal com figuras incrustadas em mosaico a compor o chamado Estandarte de Ur, sendo nele empregados lápis-lazúli, calcário vermelho e ouro oriundos do vale do Indo (DOMINGUES, 2014); **Anexo C**, a paleta de Narmer (BRAUDEL, 2001: p. 83-84), em ardósia, do templo de Hórus em Hieracômpolis, remete à vitória de Narmer ou Menés sobre o Alto e o Baixo Egito, unificando-o pela primeira vez, atribuindo-a a Hórus. Na face anterior, onde se exalta a conquista do Baixo Egito, há dois serpopardos (híbrido de serpente e leopardo) entrelaçados pelo pescoço. É um motivo oriundo da Suméria introduzido no Egito. Já o **Apêndice C** evidencia o Egito integrado ao 1º Mediterrâneo. É a reprodução de parte da seleta documental trabalhada em sala, onde é apresentado o contexto arqueológico de foi extraído o texto das Recomendações do faraó Tutmósis III ao seu vizir Rekhmiré, trabalhando esta escrita em diálogo com as imagens da tumba na qual se achava e com a própria tumba. Como se vê no próprio Anexo, tributos são recebidos de delegações do Mar Egeu e do Levante e desta região também provêm cativos. Vide a respeito também ABULAFIA (2014: p. 44 e 489) e BRAUDEL (2001: p. 148).

Se o Mediterrâneo possui dimensões euroasiafricanas (**Figura 1**) tendo em vista as porções continentais banhadas por esse mar é preciso quebrar a narrativa

européia na qual os fenícios atuam como coadjuvantes dos gregos fazendo o papel de “escada” para estes²⁷. Na retomada das conexões após o colapso constituindo o 2º Mediterrâneo é dos fenícios papel chave (**Anexo D**). O alfabeto e o vinho se tornam mediterrânicos pela ação dos fenícios e só depois vêm os gregos. O primeiro, aliás, é uma invenção fenícia. O 2º Mediterrâneo, em direção ao seu “*far-west*” (BRAUDEL, 1988: p. 69-75; 2001: p. 205-227; GUARINELLO, 2013: p. 60-67) é o que Guarinello vai definir, na parte ocidental, o tempo de fronteiras “relativamente” abertas (p. 62): “era um mar aberto, cheio de navegadores, comerciantes e piratas, As fronteiras no oeste ainda não estavam fechadas²⁸. Desta condição um sítio síntese da “movimentação humana no período” é a antiga ilha de Pitecussa (atual Ísquia, italiano *Ischia*) no golfo de Nápoles (**Apêndice E**), “era ocupada por povos de diferentes origens: fenícios, sírios, gregos da Eubeia e gregos da costa da Anatólia. Ischia não era uma área conquistada, mas um entreposto multicultural, dependente do ferro extraído da ilha de Elba, em plena Etrúria, ao norte” (p. 65). Na reprodução do diapositivo que constitui o anexo foram juntados à localização do sítio no mapa (e de Elba também no da Itália) dois exemplares da taça de Nestor, em uma das quais se vê uma inscrição não tão legível em grego, transcrita no diapositivo. Bem diferentes, o nome que as une, Nestor, é um herói homérico, rei de Pilos. E as associações do artefato ao herói se devem a um episódio da Ilíada (XI, 632-637), quando o ancião Nestor ergue um brinde com uma bela e rica taça que nenhum outro herói quando cheia conseguia erguer. A primeira taça, de ouro, é a achada em Micenas por Schliemann (1876) que assim a batizou, sendo, porém, datada de *ca.* 1600-1500 a.C. A segunda, de cerâmica, datada de *ca.* 750-700 a.C., foi achada em Pitecussa em 1954 na tumba de cremação de um garoto entre 10 e 14 anos. A associação ao herói aqui se deve à própria taça que nos fala através de um epigrama nela registrado, mas entender por completo a sua mensagem depende de como reconstituímos os cacos ausentes. Há pequenas variações e daí diferentes traduções aceitáveis: “Eu sou a taça de Nestor, a que é boa para beber. / Aquele que daqui beber será imediatamente arrebatado pelo desejo / que inspira a deusa Afrodite de bela coroa”, é uma. Inúmeras são as leituras do seu significado, mas de certo a taça é fruto da mediterraneização: este que é um dos mais antigos vestígios da escrita

alfabética grega, se acha em uma peça oriunda de Rodes, mas esta não é a proveniência do epigrama, pois escrito não em alfabeto dórico, mas eubeu (origem de boa parte dos gregos da ilha) e da direita para esquerda à maneira fenícia, , circulação de temas homéricos ressignificados em métrica,

Ainda no 2º Mediterrâneo, ainda cerâmica, o vaso Chigi (**Anexo E**), datado de 650-640 a.C. é outro achado extraordinário, contendo as mais antigas representações a nós chegadas do Julgamento de Páris e da falange hoplítica tornada icônica. De proveniência coríntia, foi encontrada em uma tumba etrusca no norte da Itália e remete na cena da caçada a um leão traços neoassírios. O estudos das ânforas ou da cerâmica em geral é central como testemunho de contatos, instituições, práticas, valores e propaganda entre outros aspectos.

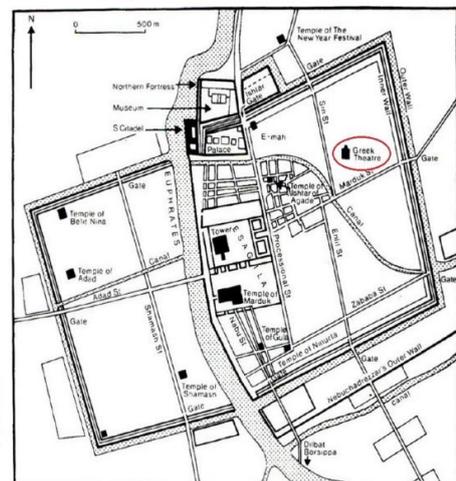
Se o 3º Mediterrâneo é um período de intensas disputas por hegemonia em ambas as bacias do mar, uma endemia bélica, este quadro é elevado a outro patamar quando, a partir das primeiras décadas do século I a.C., vem a essas guerras se somar um surto de facciosismo cívico (as guerras civis romanas) diante dos desacertos em como lidar com os desafios impostos pela sua desmesurada expansão imperial. Ao levarem os conflitos internos aos mais diversos recantos do Mediterrâneo a endemia se converte em sindemia²⁹. Não se pode, porém, deixar de notar serem essas guerras como resultado da mediterraneização ao mesmo tempo que se tornam um poderoso conector pelos contatos culturais nos quais os litigantes se envolvem a começar pela própria militar, acarretando a maior difusão do grego *koiné* (como idioma franco nesse espaço-mundo) e a transformação de algumas pouquíssimas pólis em um novo

modelo de cosmópolis fazendo frente às antigas cosmópolis próximo-orientais, chegando mesmo a exercer sobre algumas destas maior ou menor atração.

Como vimos no **Quadro 2** há um elenco de cidades, um

Figura 2. Diapositivo de cidade da Era do Bronze no Período Helenístico (3º Mediterrâneo): um teatro grego se acha assinalado.

3.3. BABILÔNIA



BABILÔNIA no período helenístico quando os costumes helenísticos (gregos) eram disseminados no espaço-mundo mediterrânico e o grego era o idioma franco e comum nesta área, por isto era chamado de GREGO KOINÉ.

mesmo número a cada tempo desse mundo, com algumas a retornar em outro período, a maioria não. A ideia é a de propiciar uma percepção variada e síncrona a cada tempo e manter vários percursos diacrônicos. Ao enumerar essas cidades, o primeiro algarismo identifica o Mediterrâneo em questão e o segundo a sequência na qual se insere aquela cidade. Há um cuidado em observar certa representatividade histórico-espacial e atenção em noticiar algo sobre cidades anteriormente destacadas (não todas) em época posterior de maneira, como dissemos, a registrar a sua continuidade (diacronia). Reiteramos, ainda que sem o mesmo destaque (ou quase menção alguma) na narrativa posterior, muitas cidades seguem sendo uma realidade síncrona acertando, inclusive, de algum modo o passo com o Mediterrâneo da vez. A exemplo da Babilônia (**Figura 2**: observar nela a inclusão de um teatro grego³⁰), a qual continua como cidade a deter um prestígio regional, mesmo em constante declínio demográfico, séculos após a morte de Alexandre Magno nela ocorrida: até ao menos o século I da era cristã como polo mercantil e ainda dois séculos adiante como centro religioso.

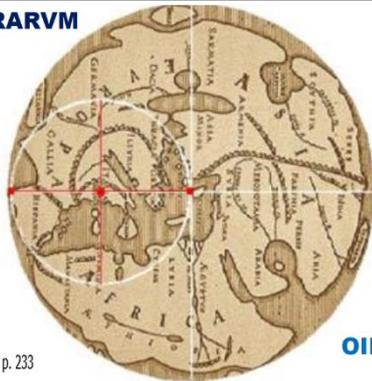
A identificação do "cidadão" (e das elites em especial) com a sua cidade, certa mentalidade "agonística" (isto é, de competição), o emular umas às outras em busca de honra e de glória, a propaganda através da monumentalidade e o evergetismo se disseminam e se tornam dominantes no 3º e boa parte do 4º Mediterrâneo. Esses elementos aqui são os fatores a contextualizar as edificações que na Renascença passam a ser citados como as Sete Maravilhas do Mundo Antigo. O detalhe é que na antiguidade a lista, até consolidar-se na Renascença com artistas como Marteen van Heemskerck (1498-1574), nem sempre foi a mesma e remete à prática de viagens pelos mais diversos motivos, incluindo aquele que poderíamos chamar de turismo. A mais antiga menção às sete consta em um epigrama de Antípatro Sidônio (poeta grego do séc. II a. C.) e delas não consta o Farol de Alexandria, incluído mais tarde, e a Babilônia duas vezes citada, além dos Jardins, as suas Muralhas. No **Apêndice F** chama-se a atenção para o fato de "maravilhas" não ser a forma original de designá-las, mas sim, em todo o mundo habitado, serem "as mais dignas de serem vistas", visitadas, conhecidas. Este mundo vai se esmerar em se tornar cognoscível e fazer-se conhecido também através de mapas que buscam

abarcam para além do Mediterrâneo. Um passo importante neste empenho é o mapa de Eratóstenes de Cirene (276-194 a.C.), o qual como boa parte dos produzidos na Antiguidade não chegaram até nós se não através de notícias, algumas até bem minuciosas, a nos permitirem as suas reconstituições, mais ou menos consensuais, como é o caso do **Anexo F**. Eratóstenes (cuja fama repercutiu através dos tempos por ter calculado a circunferência do planeta com enorme grau de acerto) é um marco na busca de um traçado naturalista dos mapas, tradição recolhida por Roma quando Júlio César envia emissários aos vários pontos do império para levantar a topografia local. Esses dados se fariam presentes no *Orbis Terrarum* do qual Agripa foi incumbido por Augusto de estabelecer, daí ser chamado também de "Mapa de Agripa" (**Figura 3**), que o próprio imperador teve de diretamente concluir (20 d.C.), dada a morte de seu genro e amigo. Na proposta de reconstrução apresentada, tais dados reunidos ao simbolismo romano redimensionaria no mapa o centro vital que de centro do ecúmeno numa linha meridiana vinda do Nilo passando em Éfeso na Anatólia migra para centro do círculo que conta (o *orbis Terrarum*), Roma.

Enfim, os exemplares numismáticos (**Anexos G e H**) manifestam não apenas o nível de integração atingido no 4º Mediterrâneo ("*Mare Nostrum*"), como também propagandeiam a prosperidade, segurança e estabilidade a que se

Figura 3. O *Orbis Terrarum* de Agripa na reconstituição proposta por Jona Lendering apresentado no sentido norte-sul

ORBIS TERRARVM



Fonte: CABECEIRAS, 2013: p. 233

OIKOUMENE

associam à "*Pax Romana*", com a cidade de Roma, a maior das cosmópolis, e o imperador como os seus esteios. O denário de Trajano (**G**) só por trazer no seu anverso a Coluna Trajana, mais que nos remeter à campanha da Dácia, nos instala em meio às obras de reurbanização de Roma encetadas com o auxílio de Apolodoro de Damasco (novas Termas, o grandioso Fórum Trajano, no qual se achava a coluna honorária como referência com a mesma altura da encosta aberta no Monte Quirinal, encosta na qual se edificou o Mercado de Trajano com mais de 150 lojas). Este é o auge da

mediterraneanização da cidade quando se calcula ter atingido os extraordinários 1.500.000 de habitantes, cifra que só voltaria a ser alcançada por outra cidade após a Revolução Industrial. No medalhão de Cômodo (**H**) ainda ressoa este poder nos lançando ao mar. Os dados do Anexo iluminam algo da riqueza de detalhes em seu reverso com naus à beira do porto de Alexandria, com o Farol a orientá-las, testemunho da frota criada pelo imperador em 186 d.C. com o intuito de buscar grãos na África caso a colheita no Egito falhasse e a celebração do sucesso (*votis felicibus*).

A leitura e interpretação da documentação (escrita, imagética e material), aqui nada além de insinuada, após situada nos diferentes contextos e esclarecida nos pontos de compreensão dificultosa para o estudante, escolhida em de sua capacidade de se vincular às várias formas de mediterraneanização (quatro ao menos), deve no comentário ao documento destacar tais aspectos visando o entendimento desse processo sem abandonar a análise em relação às demais problemáticas, as quais têm quase todas o Mediterrâneo histórico como cenário ativo.

5. Em busca de uma Antiguidade com voz própria e múltiplos olhares

As ideologias grega e romana [helenização e romanização] têm sido consideradas responsáveis pela formação e perpetuação de uma história do Mediterrâneo tingida por seus vínculos com a dominação imperial ou colonial [lida como europeização e extravazada em dimensões globais]. As características duradouras da história do Mediterrâneo estão implicadas nas principais histórias da antiguidade, cultural, política, social e econômica, mas vão contra esta crítica, para promover uma história pré-moderna comparativa mais ampla em maior escala³¹ (Nicholas PURCELL, 2014: p. 59).

O que é a História Antiga sob o ponto de vista do Mediterrâneo? É a história de uma parte importante do planeta, sem a qual é impossível compreender os nossos tempos ou as sociedades em quaisquer outras partes do planeta. E não em razão de ser o início da história universal, pois não é. Assim como também não em razão de atender qualquer intuito de legitimação ideológica, seja a de algum país europeu, da Europa como o todo ou do Ocidente, afinal nenhuma dessas realidades existiam ao tempo do Mediterrâneo Antigo. A razão de ser de lhe estar reservado um

lugar importante e imprescindível na compreensão de nosso tempo e sociedades se deve antes de tudo ao fato dele ter sido o laboratório onde foram forjadas técnicas de enorme valor agregado para o mundo, como as do alfabeto e da cidadania. É nele e não em outro lugar qualquer. E dele foram sendo levadas e buscadas, estando incrustadas em nossa realidade e cotidiano em maior ou menor medida. Tão logo inventado, o alfabeto rapidamente foi adotado por outros povos adaptando-o aos seus idiomas e peculiaridades, desde o Mediterrâneo. A cidadania e seu rebento, a democracia, por estarem no cerne do poder, na maior parte do tempo não teve aceitação fácil, mas uma vez inventados, como a exalibur na pedra, na pedra permanece à disposição um justo capaz de retirá-la. E assim têm sido revividas quando povos que nunca as tiveram em sua história resolvem enfrentar a tirania e os autoritarismos. Afinal só se pode ver autoritarismo e tirania, despotismo e servilismo a partir do observatório da liberdade cidadã.

Se fazer cessar os ruídos do anacronismo é de todo impossível, pois somos criaturas do presente, ao menos diminuí-los de modo a proporcionar maior limpidez à melodia de outros tempos e sua rítmica é um desafio do qual não se pode abrir mão, mantendo-se sempre vigilantes tão mais insidiosa é a atuação de nosso adversário que se vale das nossas próprias limitações na compreensão desse outro que nem está aí para se o compreendemos ou não. Ou seja, tudo depende de nossa atitude, da posição escolhida no afã de melhor captá-lo. Daí a importância de, ajustada a frequência (os termos da problemática a ser respondida sejam formulados como provindos de um *tertius* capaz de distinguir nossas vozes) saber que o outro tempo prossegue sendo outro por mais pontos de contato se obtenha na comunicação e neste outro se logre contemplar vozes provindas de variados olhares. Ou seja, de outros lugares no espaço desse tempo. Quais escolher é o dilema dos recortes. A nós faz mais sentido envolver mais cidades, o que implica na nossa proposta, entre as mais variadas exclusões, a não conceder a atenção que se poderia desejar ao rural, remeter ao episódico povos avessos à urbanização e ser seletivo a respeito dos mais adequados ao *script* traçado. Não só, por óbvio, em relação às cidades, mas também quanto ao Antigo a ser trabalhado. Uma limitação prática. Recordemos, esta é uma proposta nascida da sala de aula e voltada para a sala de

aula, tendo de administrar uma carga horária restrita a sessenta horas em um semestre. Se não se podia abrir mão do marco inicial, desde cedo sem margem a dúvidas, a Revolução Agrícola (fundamental a evidenciar a não existência do Mediterrâneo histórico desde sempre), necessário foi ceder no marco final. Augusto, de pronto. Depois os Antoninos, sem maiores dificuldades o acréscimo por representarem uma mesma unidade estrutural. Assim, nunca fizemos mais que meros acenos à fascinante fronteira final: a administração responsável das horas destinadas ao Curso não permitia ir além. O que se tem à mão são pistas sobre o que pode ser realizado, tendo sido desenhado na prática.

Uma palavra final. Assumir o ponto de vista do Mediterrâneo não é nos aprisionarmos nele. Volta e meia um sobrevôo nos momentos mais decisivos. Olhar à volta, ou olhar de outro planeta. Lembra? Começamos considerando os demais focos civilizacionais na Antiguidade e , por isso, constatamos a atração mútua entre Mesopotâmia e Índia. Ao concluir, sublinhamos o fato de terem nascido o alfabeto e a cidadania no Mediterrâneo e não em outras partes do planeta, não para desprezá-las. Longe disso, mas é preciso entender o seu papel estratégico na compreensão desses e de outros fenômenos e da própria contemporaneidade. Não se trata, portanto, de uma nova história universal, afinal a agricultura e a urbanização foram inventadas à sua revelia. Não há nem mesmo sentido na expressão “Crescente Fértil”, posto escantear o vale do Indo e naturalizar a associação das regiões restantes ao Mediterrâneo. E o fato de nascerem por caminhos próprios, antes desse Grande Verde, propocionará ao Oriente uma circulação de riqueza maior que a do Ocidente até a Revolução Industrial. E vida urbana mais sólida se comparada à parte ocidental banhada pelo mar, sofrendo menos o impacto diante dos refluxos da mediterraneização por tirar vantagem de mais próximos de focos civilizacionais ainda mais à leste.

Referências Textuais

ABULAFIA, David. **O grande mar**: uma história humana do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ARAGÃO, Maria José. **História dos Alfabetos**. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.

BRAUDEL, Fernand. **Memórias do Mediterrâneo: pré-história e antiguidade**. Lisboa-Rio de Janeiro: Terramar-Multinova, 2001.

_____. **Gramática das Civilizações**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O Espaço e a História no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Uma Lição de História: Châteauevallon, Jornadas Fernando Braudel**, 18-19-20 de outubro de 1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

BROTTON, Jerry. **Uma História do Mundo em Doze Mapas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CABECEIRAS, Manuel Rolph. **Urbi et Orbi, nós e os outros: romanidade(s), fronteira étnica e a História como escrita dos dilemas pátrios (tese de Doutorado)**. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2013.

CANDIDO, Maria Regina (org.). **Rede de Conectividade no Mediterrâneo Antigo: Múltiplos olhares sobre as relações socioculturais, comerciais e políticas em sociedades mediterrâneas**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2017.

CHEVITARESE, André L. e CORNELLI, Gabrielle. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaio acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo**. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2007.

CLARK, Stuart (ed.). **The Annales School: Critical Assessments**. Vol. III (Fernand Braudel). London & New York: Routledge, 1999.

FEBVRE, Lucien. **Un livre qui grandit: La Méditerranée et le Monde méditerranéen à l'époque de Philippe II** In: CLARK, Stuart (ed.), 1999.

FINLEY, Moses I. **Economia antiga**. 2ª ed. rev. am. Porto: Afrontamento, 1986.

_____. Porto: Afrontamento, 1980.

FUNARI, P. P. A.; CARLAN, Cláudio Umpierre; DUPRAT, Paulo Pires. **Arqueologia e Economia Antiga no Mediterrâneo: Das Origens à Dominação Romana**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

GUARINELLO, Norberto. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *et al.* (Orgs.). **Fronteiras mediterrânicas: estudos em comemoração dos 10 anos do LEIR-MA/USP**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

HARRIS, William Vernon (ed.). **Rethinking the Mediterranean**. Oxford & New York: Oxford University Press, 2005.

HORDEN, Peregrine & KINOSHITA, Sharon (eds.). **Companion to Mediterranean History**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014.

_____. & PURCELL, Nicholas. **The Boundless Sea: Writing Mediterranean History**. London & New York: Routledge, 2020.

_____. **The Corrupting Sea: A Study of Mediterranean History**. Oxford: Blackwell, 2000.

LACOSTE, Yves (org.). **Ler Braudel**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LEICK, Gwendolyn. **Mesopotâmia: A Invenção da Cidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

MORALES, Fábio Augusto & SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 40, n. 83, p. 125-150, jan.-abr. 2020. Disponível: <https://dx.doi.org/10.1590/1806-93472020v40n83-06> (acesso em 20 out. 2020).

MORRIS, Ian. Mediterraneanization. In **Mediterranean Historical Review**, Vol. 18 (2): p. 30-55, 2003.

POZZER, Katia Maria Paim. Relações de Poder no Império Assírio: Arqueologia e Iconografia da Conquista de Lakiš. **Maracanan** (Dossiê "Relação de Poder no Mediterrâneo Antigo"). Vol. IX, nº 9, p. 10-31, 2013

PURCELL, Nicholas. The Ancient Mediterranean. In: HORDEN, P. & KINOSHITA, S. (eds.) **Companion to Mediterranean History**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014, p. 59-76.

REMY, Jean & VOYÉ, Liliane. **A Cidade: rumo a uma nova definição?** Porto: Afrontamento, 1994.

SILVANO, Filomena. **Antropologia do Espaço**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

Referências Didáticas

BRAICK, Patrícia Ramos & MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2012.

DOMINGUES, Joelza Ester. Estandarte de Ur: a história em imagens. In: **Ensinar História**. São Paulo, 2014, Texto, imagens e vídeo do documentário disponível em <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/estandarte-de-ur/>

FUNARI, Pedro Paulo A. **Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir dos documentos**. 2ª. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

_____ & GARRAFONI, Renata Senna. **História Antiga na Sala de Aula**. Campinas: UNICAMP, 2004.

KINDER, Hermann & HILGEMANN, Werner. **Atlas Histórico Mundial: Vol. 1. De los orígenes a la Revolución Francesa**. 18ª ed. Madrid: Istmo, 1996.

LABECA MAE-USP. **Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga** (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo): Disponível em <http://labeca.mae.usp.br/> Canal no Youtube (acessado em 18 out. 2020): <https://www.youtube.com/channel/UCtaIBXH99EMtKDJTv7h0cig>.

LARP MAE-USP. **Laboratório de Arqueologia Romana Provincial** (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo): <http://www.larp.mae.usp.br/> Canal no Youtube disponível em (acessado em 18 out. 2020): <https://www.youtube.com/c/LARPM/AE/featured>.

SANG-HO Han (dir.). **A História da Palavra** (em três episódios: 1. O Nascimento da Escrita, 2. A Palavra Escrita: O Desafio sem Fim, 3. A Revolução dos Alfabetos). Seul, Coreia do Sul: EBS TV, 2007. Episódio 3 disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T4VFpLDucBI>.

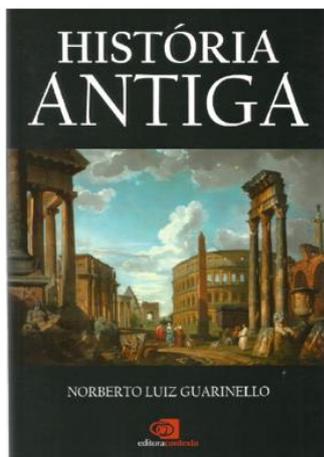
UNIVESP TV. **Fenícios e o Mediterrâneo com Maria Cristina Kormikiari** (2015): <https://www.youtube.com/watch?v=3t-L-oGdPXE>

_____. **Estudo das Cidades Gregas com Maria Beatriz Borba Florenzano** (2015): https://www.youtube.com/watch?v=0L-NwqgA_Ps

_____. **Roma e suas Províncias com Maria Isabel Fleming** (2015): <https://www.youtube.com/watch?v=C9VKHoa7XVw>

APÊNDICES³²

Apêndice A – Roteiro de Estudo dos Mediterrâneos em Guarinello e Braudel



PRIMEIRO MEDITERRÂNEO Séculos XXIV – XII a.C.
Do Capítulo 3 (O Mediterrâneo: processos de integração), as págs. 55 a 57 (integrações anteriores).

SEGUNDO MEDITERRÂNEO Séculos VIII – VI a.C.
Capítulos 4 (Navegações) e 5 (Cidades-Estados), correspondendo às págs. 59 a 96.

TERCEIRO MEDITERRÂNEO Séculos V – I a.C.
Capítulos 6 (Hegemonias) e 7 (O imperialismo romano), correspondendo às págs. 97 a 138.

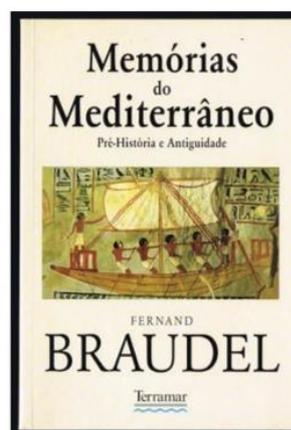
QUARTO MEDITERRÂNEO Séculos I a.C. – V d.C.
Capítulos 8 (O Império) e 9 (Antiguidade Tardia), correspondendo às págs 139 a 174.

PRIMEIRO MEDITERRÂNEO Séculos XXIV – XII a.C.
Capítulos 3 (O duplo nascimento do mar) e 4 (Séculos de unidade: os mares do Levante de 2500 a 1200), correspondendo às págs. 67 a 184.

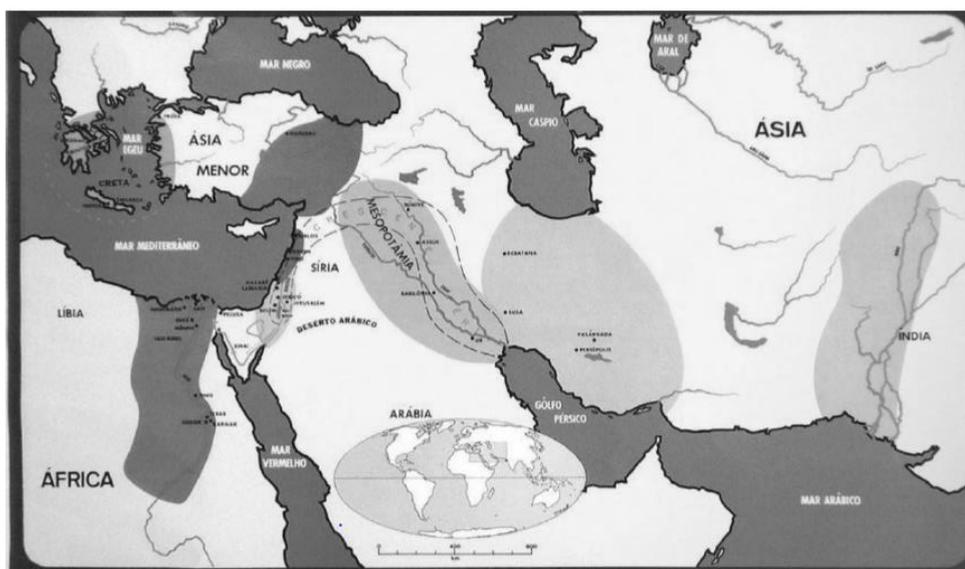
SEGUNDO MEDITERRÂNEO Séculos VIII – VI a.C.
Da pág. 185, ao início do Capítulo 5 (Tudo muda do século XII ao século VIII), o 6 (As colonizações ou a descoberta de uma América: séculos X a.C. – VI a.C.) e no 7 (O milagre grego) até a pág. 288 (a marcha zigzagueante da ciência).

TERCEIRO MEDITERRÂNEO Séculos V – I a.C.
Da pág. 118 (a ciência no século de Péricles) a 298, concluindo o capítulo 7, passando para o 8 (Roma torna-se maior que o Mediterrâneo), a parte I (o imperialismo de Roma), págs. 299 a 317.

QUARTO MEDITERRÂNEO Séculos I a.C. – V d.C.
As parte II (para além do Mediterrâneo) e III (a grande personagem: a civilização mediterrânica) do capítulo 8, correspondendo às págs. 317 a 343).



Apêndice B – Mapeando Revoluções, Civilizações e a 1ª Mediterranização (Folha de Exercício)



Nome _____ Data _____

Apêndice C – Contexto arqueológico e documentação escrita das fronteiras do Mediterrâneo no Egito Antigo (página de apostila)

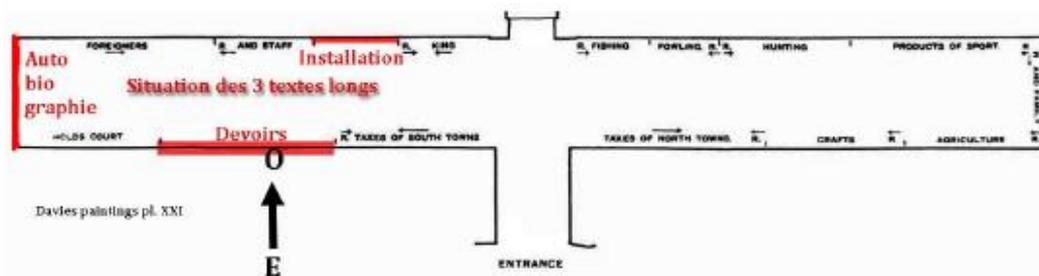
02. EGITO: RECOMENDAÇÕES AO VIZIR REKHMIRÉ⁸ NA SUA POSSE

A) COMENTÁRIO CONTEXTUAL



Nesta imagem, numa sequência de cinco registros são mostrados de cima para baixo a apresentação ao Egito de tributos e embaixadores oriundos do Punt (1), da área do Mar Egeu (2), de povos da Núbia, isto é, do então Reino de Kush (3), da Síria-Palestina ou Levante, chamada pelos egípcios de Retenu, (4) e cativos núbios e sírio-palestinos acompanhados de mulheres e crianças (5). A origem da imagem é a tumba do vizir Rekhmiré, cuja relevância como um dos mais importantes sepulcros privados do Reino Novo advém em parte justamente das pinturas que documentam as relações exteriores de Egito neste momento, assim como o alto nível a que chegou a vida cortesã.

Não obstante, os textos escritos são os que mais despertam atenção. Na imagem adiante (orientada de leste para oeste: E→O) o local exato onde o texto por nós destacado se acha na tumba (indicado em francês “*installation*”):



Trata-se do discurso pronunciado pelo faraó Tutmosis III⁹ no momento de dar posse ao seu vizir.

⁸ XVIII^a dinastia.

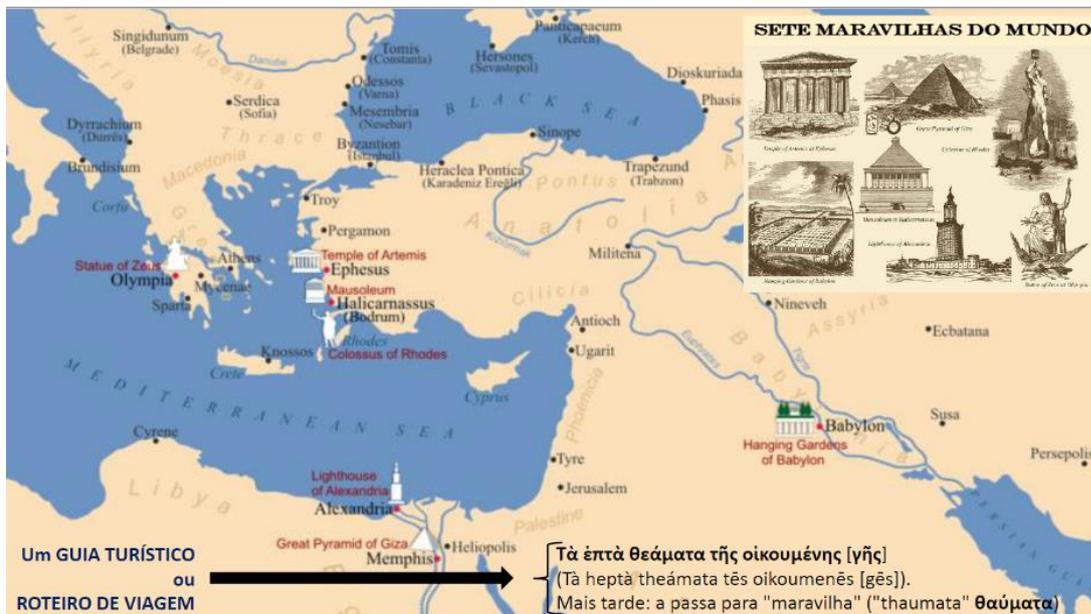
⁹ Menkheperre Dyehntymose ou Tutmosis III ou Tutmén III, sexto faraó da XVIII^a dinastia, sucedeu ao seu pai, Tutmosis II, em 1479 a.C., mas em razão de sua tenra idade, assumiu o governo, como regente, sua tia e

APÊNDICE E – Uma amostra do assentamento de Pithecussa na ilha de Ísquia e o mar “quase” sem fronteiras do 2º Mediterrâneo (diapositivo)



Imagens: das Taças de Nestor de Micenas e de Pithecussa e do diagrama reconstituído (acesso: 27. nov. 2020) disponíveis em - [https://en.wikipedia.org/wiki/Nestor%27s_Cup_\(Mycenae\)#/media/File:Nestorbecher_Mykene_\(Nationalmuseum_Athen\).JPG](https://en.wikipedia.org/wiki/Nestor%27s_Cup_(Mycenae)#/media/File:Nestorbecher_Mykene_(Nationalmuseum_Athen).JPG); - https://it.wikipedia.org/wiki/Coppa_di_Nestore#/media/File:Coppa_di_Nestore.png; - [https://en.wikipedia.org/wiki/Nestor%27s_Cup_\(Pithekoussai\)#/media/File:Nestor_Cup_Cumae.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Nestor%27s_Cup_(Pithekoussai)#/media/File:Nestor_Cup_Cumae.jpg)

Apêndice F – Guia turístico do que há para ser visto no mundo antes de morrer... Ou acabar! (diapositivo)



Montagem com mapa da localização das Sete "Maravilhas do Mundo Antigo" disponível em https://www.wikiwand.com/en/Seven_Wonders_of_the_Ancient_World (acesso 1 nov. 2020) e imagem idealizada disponível em <https://svetionikproslosti.wordpress.com/2018/03/23/светска-чуда-античког-света/> (acesso 1 nov. 2020).

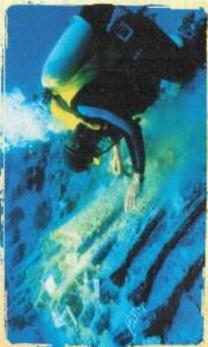
ANEXOS

Anexo A – A descoberta de Uluburun em um livro didático para o ensino no médio

Aprenda mais

A descoberta do Uluburun

Em 1982, o mergulhador Mehmet Gökür encontrou vestígios de um naufrágio na costa da Turquia: o navio Uluburun, nome da região onde foi encontrado, havia naufragado no século XIV a.C. Os objetos encontrados na embarcação nos oferecem pistas sobre o comércio realizado entre os povos da Antiguidade, o que fez dessa descoberta uma das maiores proezas da arqueologia subaquática.



Murat Tilyu, arqueólogo náutico turco, trabalhando na retirada das placas de cobre transportadas pelo Uluburun.

Encomenda dos reis

Para a retirada dos 18 mil artefatos encontrados no Uluburun, foram necessários cerca de 23 mil mergulhos, realizados entre 1983 e 1994. Veja abaixo alguns desses artefatos e seus prováveis locais de origem.



77 cm



45 cm



16 cm

Metais preciosos para as guerras

Entre toneladas de cobre e estanho, metais utilizados para obter o bronze. A descoberta do processo de fabricação do bronze permitiu produzir armas e ferramentas mais resistentes. O metal encontrado pode ter sido fundido em Chipre ou Creta, os principais centros produtores e distribuidores, e transformado em placas, facilitando o transporte.

Vidro

Para facilitar o transporte, o vidro era fabricado em forma de pastilhas. O uso do cobalto, que dá esse tom azul, mostra a sofisticação da produção. As peças de vidro encontradas vieram provavelmente do Egito, o mais antigo produtor desse material.

O comércio no Mediterrâneo

A formação dos primeiros impérios durante a Idade do Bronze (c. 3000 a 1100 a.C.) e a distribuição desigual de recursos, principalmente de metais, impulsionaram o fluxo de pessoas e mercadorias. Um dos resultados desse processo foi o intercâmbio cultural entre os povos do Mediterrâneo.

Muitos produtos transportados pelo Mar Mediterrâneo vinham de regiões distantes, como o Mar Báltico, a Ásia central e a África tropical.

As rotas comerciais e a negociação de mercadorias serviam também como canais de trocas culturais e artísticas. No Uluburun havia objetos de doze culturas diferentes, indicando que muitos povos do Mediterrâneo nesse período.

Marfim e madeira

de elefante e de abano e marfim chegavam a 25 centímetros (como o dia foto), vinham da África tropical e eram transportados até o Egito. Presas de elefante também eram transportadas por caravanas vindas da Ásia central até a Fenícia. O abano era utilizado na fabricação de móveis e de instrumentos musicais, e as presas de marfim eram usadas para decorar recipientes para cosméticos, entre outras coisas.

Selos diplomáticos

Ao lado, o selo de Neferiti, esposa do faraó Akhenaton, feito em ouro, do século XIV a.C. Essa espécie de carimbo servia para validar acordos entre governantes, o que indica a possível presença de diplomatas na embarcação.



1,4 cm



1,4 cm

Placar de rota do navio Uluburun

Rota comercial marítima

Rota comercial terrestre

Os círculos coloridos no mapa indicam as rotas comerciais marítimas e terrestres encontradas no Uluburun, seguindo o tipo de material:

- Metais
- Cerâmicas
- Madeira e outros produtos
- Pedras
- Vidro

O navio, que provavelmente se dirigia à Creta, tinha capacidade para transportar cerca de 25 toneladas em 15 metros.

Essa infografia será explorada nas próximas páginas.

Encomenda das elites

Embora a elite também merecesse o altíssimo valor, uma delas era o âmbar, uma resina de árvores solidificada, usada para fazer joias. Foram encontrados milhares de contas de âmbar como estas, que mediam entre 0,2 e 2 centímetros e vinham da região do Báltico.

Nem mais, nem menos

No Uluburun havia 149 pedras em três padrões de massa diferentes. Os comerciantes usavam pedras como estojo em forma de estifugo para transações de metais preciosos em balanças de pratos.

Cerâmica

Vinho, grãos e terebintina, uma resina usada para fazer perfumes, eram armazenados em ânforas como esta, originária da Fenícia.

Encontrados os elites

Embora a elite também merecesse o altíssimo valor, uma delas era o âmbar, uma resina de árvores solidificada, usada para fazer joias. Foram encontrados milhares de contas de âmbar como estas, que mediam entre 0,2 e 2 centímetros e vinham da região do Báltico.

Mapa do Mediterrâneo Antigo

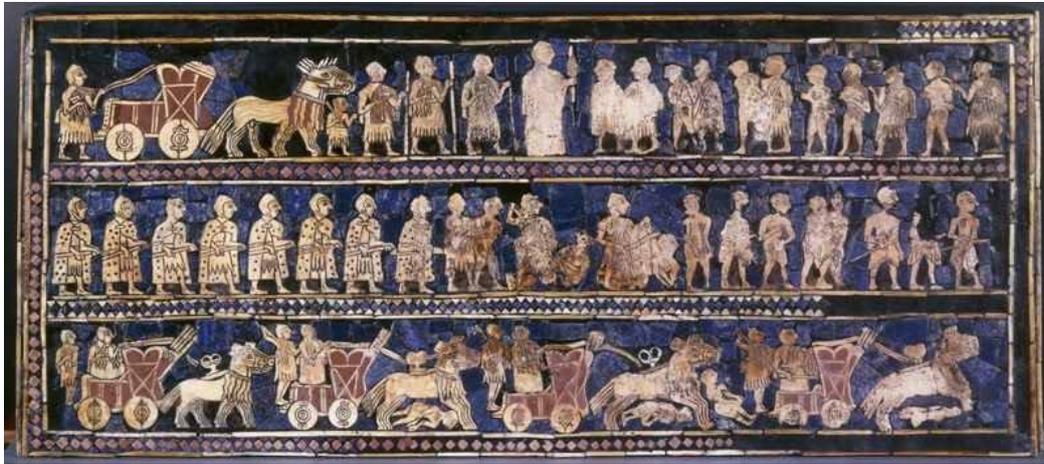
Mapa detalhado do Mediterrâneo Antigo com rotas comerciais marítimas e terrestres. O navio Uluburun é destacado com uma seta vermelha apontando para o local do naufrágio. O mapa mostra o Império Hitita, Assíria, Mitani, Babilônia e Cássita, Egito, Chipre, Fenícia, Creta, Sicília, Sardenha, Grécia Jônica, Mar Negro, Mar Mediterrâneo, Mar Báltico, África tropical, Ásia central e Índia.

Mapa do Mediterrâneo Antigo

Mapa detalhado do Mediterrâneo Antigo com rotas comerciais marítimas e terrestres. O navio Uluburun é destacado com uma seta vermelha apontando para o local do naufrágio. O mapa mostra o Império Hitita, Assíria, Mitani, Babilônia e Cássita, Egito, Chipre, Fenícia, Creta, Sicília, Sardenha, Grécia Jônica, Mar Negro, Mar Mediterrâneo, Mar Báltico, África tropical, Ásia central e Índia.

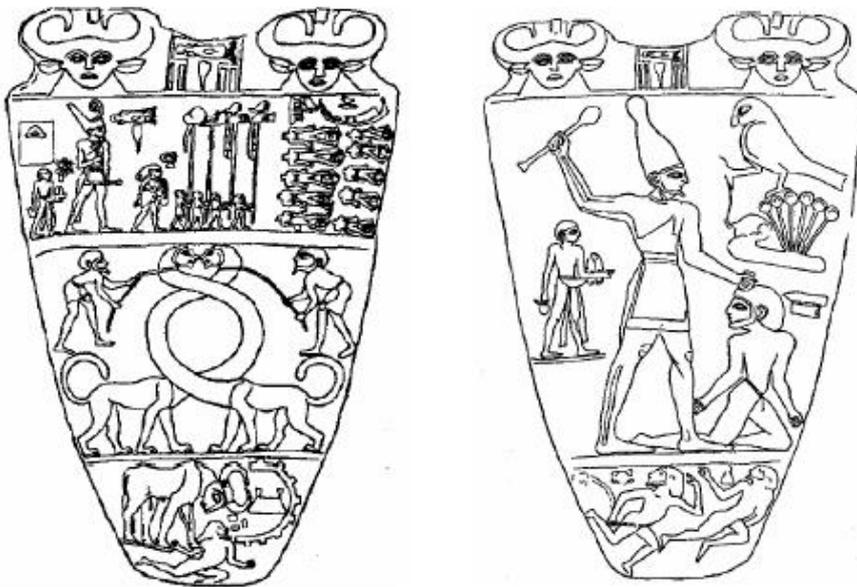
Fonte: BRAICK & MOTA, 2012: p. 78-79.

Anexos B e C – À margem e fora dele, o duplo nascimento do mar



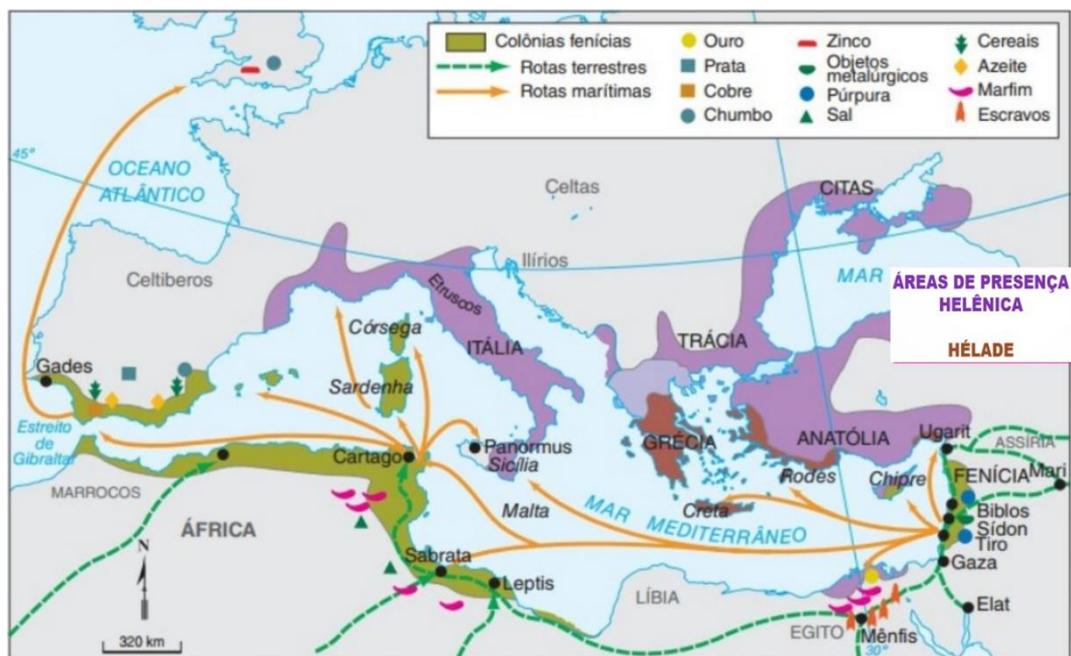
Acima, Estandarte de Ur (c. 2600-2400 a.C.); abaixo, Paleta de Narmer (c. 3200-3000 a.C.).

Disponíveis em <https://www.britishmuseum.org/collection/image/8056001> (acessadas em 19 nov. 2020). The image will be released to you under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0) license.



Fonte: BRAUDEL, 2001: p. 83.

Anexo D – Os fenícios e o 2º Mediterrâneo



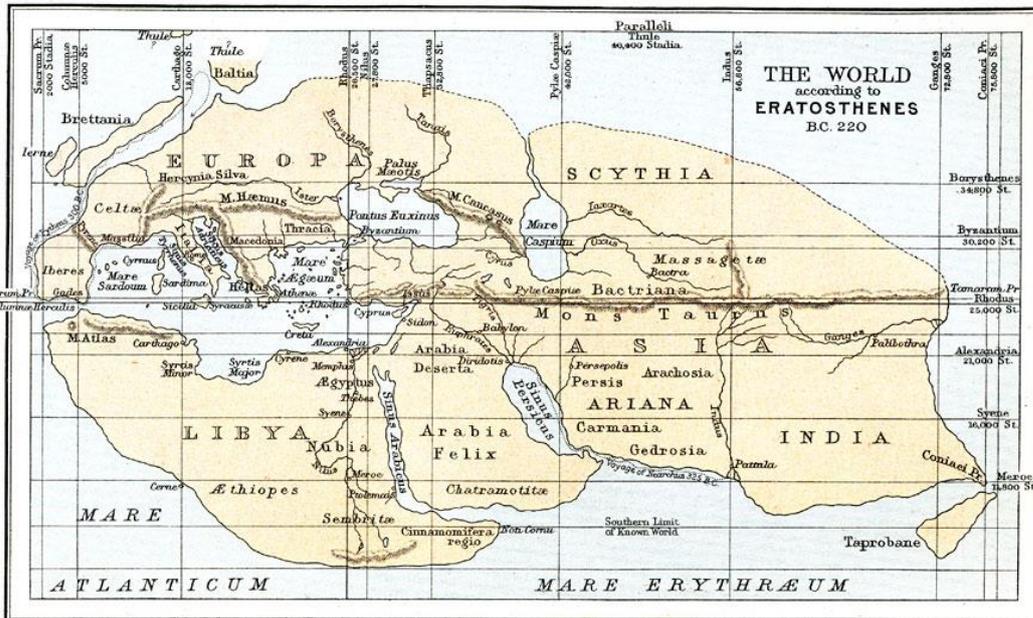
Fonte: KINDER & HILGEMANN, 1996: p. 38.

Anexo E – O despontar da Revolução Hoplítica e o 2º Mediterrâneo



Fonte: Matteo D'ACUNTO, *Il mondo del vaso Chigi: Pittura, guerra & società a Corinto alla metà del VII secolo a.C.*, Berlin/Boston, De Gruyter, 2013, pp. XX, XXVI e XXXI;

Anexo F – Do centro à periferia e além, a percepção do meu espaço-mundo



Anexos G e H – Numismática Imperial Romana e o 4º Mediterrâneo



Trajano (nascido em 53 e morto em 117), AR Denário, data provável: 112-114, ANVERSO: **IMP TRAIANO AVG GER DAC P M TR P COS VI P P** / Laureado, busto drapeado de perfil voltado para a direita, visto por trás. / REVERSO: **S P Q R OPTIMO PRINCIPI** / Coluna de Trajano encimada pela estátua do imperador e ladeada sobre a base por duas águias; 18mm x 21mm, 3.38g.

Acessado em 19 nov. 2021, disponível em [https://www.coinshome.net/en/coin_definition-1_Denarius-Silver-Roman_Empire_\(27BC_395\)-DP7BwclQ_4cAAAE0I46TOhE.htm](https://www.coinshome.net/en/coin_definition-1_Denarius-Silver-Roman_Empire_(27BC_395)-DP7BwclQ_4cAAAE0I46TOhE.htm)



Acessado em 19 nov. 2021, disponível em <https://www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=123536>

Medalhão com o imperador Cômodo (imperador de 177 a 192 d.C.) datado de cerca de 189 (?), Æ 60,01 g. ANVERSO: **M COMMODVS ANTONINVS - S PIVS FELIX AVG BRIT** / Busto laureado, ombro e vestindo couraça decorada com égide. REVERSO: **VOTIS FELICIBVS** / Cômodo sacrificando sobre um tripé colocado na entrada de um porto em direção ao qual cinco navios (quatro embarcações comerciais e uma galera naval) se aproximam; um sacerdote de pé junto ao tripé acompanha o imperador. Embaixo de um Farol de quatro camadas (identificado como o Farol de Alexandria) um touro morto sacrificado.

Disponível em <https://etc.usf.edu/maps/pages/10400/10489/10489.htm> (acesso: 15 nov. 2020); Maps ETC is copyright © 2007-2012 by the University of South Florida. Educational Use.

¹ Resultado de um trabalho desenvolvido em sala de aula na disciplina “História Antiga”, 1º Período do Curso de Graduação em História da UFF, *campus* Gragoatá (Niterói, RJ), durante sete anos (2013 a 2019) sobre uma apresentação mediterrânica da matéria. É a 3ª fase de uma proposta formulada em 1998 que se constituiu no Projeto Permanente de Monitoria “Apoio à disciplina História Antiga”, renovado anualmente e mantido pelo Programa de Bolsas de Monitoria da Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos (PROAC), depois designada Graduação (PROGRAD) pela reforma administrativa de 2011. Nas fases anteriores elaborou um guia (de cronologias, mapas e glossário) como instrumento de apoio a quem cursava a disciplina denominado de *Anamnésis* (1ª fase). A seguir, consolidado tal instrumento, voltamo-nos para o modo como a História Antiga é desenvolvida nos livros didáticos empregados no Ensino Médio (2ª fase), confrontando tais obras nas seções destinadas à matéria com as problematizações propostas à turma e o estado de arte das investigações a elas atinentes durante o curso. É do exercício da crítica deste material que se passou a considerar a sua reescrita. Desta 3ª fase recortamos a periodização como formulada em 2018 e a apresentamos na XVI Jornada de História Antiga “Pólis, Urbs e Cidades no Mediterrâneo Antigo” de 21 a 24 de maio de 2019, promovida pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA-UERJ), com o título *O Mediterrâneo Antigo e sua periodização: uma proposta didática*. Uma trajetória, pois, construída coletivamente desejo assinalar aqui o agradecimento especial a todos que contribuíram nesta última fase: da Divisão de Monitoria responsável pela administração das bolsas aos estudantes, passando pelas Coordenações de Monitoria a nível departamental, aos monitores bolsistas e voluntários (nas duas modalidades colaboradores próximos igualmente empenhados, dos primeiros aos mais recentes: Shaenny Damiana Barbosa de Souza, Ana Luiza da Costa Duarte, Bárbara Celi de Souza Aguiar Cardoso, Vitoria de Oliveira Barroso, Lukas Paz de Barros Lima, Larissa Cristhina Giron Ferreira, Matheus Brum Dettmann, Mariana Salmazo Carvalho e Ana Beatriz Siqueira Bittencourt) e às quatorze turmas envolvidas.

² Doutor em História (UFF), Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) / Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA-UFF), Brasil, mrcabeceiras.uff@gmail.com.

³ Professor na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em Vitória da Conquista de 1986 a 1997 lecionando História Antiga e Medieval.

⁴ Em Coordenação do Curso de Graduação em História da UFF, *Projeto Político Pedagógico: Reforma Curricular 2016-2018*, Niterói, GGH-IHT-UFF, 2018, vide histórico na p. 6 e 8. Disponível em http://graduacaohistoria.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/131/2018/07/PPP_ebook.pdf

⁵ Estamos a entender como flanquear o Estado Nacional as manobras de escapar ao seu controle e ingerência feitas por empresas multi- ou transnacionais, enquanto as restrições de cima a baixo como as advindas por organismos multilaterais através da difusão de parâmetros de “governança global” sobre os países membros (BANCO MUNDIAL. *What is our approach to governance?*), o que se aproximaria do tanto do globalitarismo já denunciado pelo geógrafo Milton SANTOS quanto do imperialismo esclarecido de Kant como identificado pelo cientista político Yoram HAZONY.

⁶ Em *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 50^e année, n. 5, 1995, p. 947-1078, o dossiê *L'Économie Antique*, aberto com o artigo de Jean ANDREAU *Vingt ans après. L'Économie Antique de Moses I. Finley* (p. 947-960), proporciona ideia do impacto da obra.

⁷ É o que demonstra a noção de “fronteira étnica” forjada por Barth e empregada por Ciro Flamarion Cardoso, por exemplo, em *Antiguidade Oriental, Política e Religião* (São Paulo, Contexto, 1990, p. 17-19). Esta foi um dos alicerces teóricos da tese defendida sob a sua orientação em 2013 (vide bibliografia). Fundamental a leitura de POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne, *Teorias da Etnicidade* (seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik BARTH), São Paulo, UNESP, 1998, p. 141, 152/153 e 166-168.

⁸ Fernand BRAUDEL dirigiu a publicação coletiva em dois volumes *La Méditerranée*: 1. *L'espace et l'histoire* e 2. *Les hommes et l'héritage* (Paris, Arts et Métiers Graphiques, 1977-78), posteriormente editados pela Flammarion na coleção «*Champs*» em 1985, da qual a Martins Fontes se baseou para a tradução brasileira (1988). Já o texto produzido para Skira, *Les mémoires de la Méditerranée: préhistoire et antiquité*, Paris, Fallois, 1998.

⁹ Exemplo desse procedimento transdisciplinar se vê em ABULAFIA, 2014.

¹⁰ Como manual introdutório aos temas abrangidos pelos cerca de 1500 anos de seu recorte, cumpre destacar ainda como relevantes as reflexões propostas sobre memória social, o diálogo presente-passado, a construção da ideia de “antigo” e do campo da “história antiga”, a medida da sua cientificidade, questões metodológicas e debates teóricos, elencando as principais contribuições do século XIX em diante e passando em revista os principais problemas.

¹¹ Vide o Prólogo da 2ª edição francesa (1966) de sua tese reproduzida em espanhol (p. 17).

¹² O texto de Braudel antes de vir à luz (1998) foi revisado por especialistas na área (o arqueólogo especializado em Pré-História e Proto-História Jean Guilaine do Collège de France e o historiador e arqueólogo Pierre Rouillard, diretor de investigação emérito no C.N.R.S.) quanto aos trabalhos arqueológicos e quando necessários feitos os devidos reparos em notas de rodapé.

¹³ A ideia de um Mediterrâneo que ultrapasse a si mesmo e tenha contornos imprecisos parece gerar certo incômodo. Ora, se o espaço é por definição radicalmente movimento, poderiam não ser inconstante em suas fronteiras?

¹⁴ No original em espanhol: “Los capítulos I, II y III describen la diversidad del mar y trascienden espacialmente sus orillas materiales. ¿Se puede hablar, en estas condiciones, de una unidad física de este mar (capítulo IV, «La unidad física: el clima y la historia») o de una unidad humana necesariamente histórica (capítulo V, «La unidad humana: rutas y ciudades, ciudades y rutas»)? Estas son las etapas que cubre la amplia sección introductoria, la cual se propone dibujar los diferentes rostros y el rostro del Mediterráneo, para así poder comprender mejor, dentro de los límites de lo posible, su destino multicolor”.

¹⁵ Vide as três conferências na Universidade Johns Hopkins publicadas como Dinâmica do Capitalismo Rocco, 1987 (1985), p. 53-54: “Por *economia-mundo*, palavra que forjei a partir do vocábulo alemão *Weltwirtschaft*, entendo a economia de somente uma porção do nosso planeta, na medida em que essa porção forma um todo econômico. Escrevi, já faz tempo, que o Mediterrâneo do século XVI era, por si só, uma *Weltwirtschaft*, uma economia-mundo; podendo igualmente chamar-se *lhe*, em alemão, *ein Welt für sich*, um mundo em si mesmo. Uma economia-mundo pode-se definir como uma tríplice realidade: – Ela ocupa um espaço geográfico dado; portanto, tem limites que a explicam e que variam, embora com uma certa lentidão. Ocorrem mesmo, forçosamente, de tempos em tempos, mas a longos intervalos, rupturas. (...) – Uma economia-mundo aceita sempre um polo, um centro, representado por uma cidade dominante, outrora uma cidade-Estado, hoje uma capital, entenda-se, uma capital econômica (nos Estados Unidos, Nova Iorque, não Washington). Aliás, podem existir, inclusive de modo prolongado, dois centros simultâneos numa mesma economia-mundo: Roma e Alexandria ao tempo de Augusto, Antônio e Cleópatra; Veneza e Gênova ao tempo da guerra de Chioggia (1378-1381); Londres e Amsterdam no século XVIII, antes da eliminação definitiva da Holanda. Pois um desses dois centros acaba sempre por ser eliminado. (...) – Toda a economia-mundo se reparte em zonas sucessivas. O núcleo e a região que se estende em torno do centro (...). Depois vêm as zonas intermediárias, em torno desse núcleo central. Finalmente, muito amplas, as margens que, na divisão de trabalho que caracteriza a economia-mundo, são mais subordinadas e dependentes do que participantes [grifo nosso].

¹⁶ É um geógrafo a alertar, caso tenha passado despercebido a algum historiador: “Os que dizem que a primeira parte do *Méditerranée* é dedicada à geografia física não percebem que (...) é para logo mostrá-las em função dos problemas humanos” (LACOSTE, 1989: p. 187).

¹⁷ François FOURQUET, Um novo espaço-tempo *In*: LACOSTE, 1989: p. 79-96.

¹⁸ “*Já o bom historiador se parece com o oiro da lenda. Onde fareja carne humana sabe que ali está a sua caça*” (Marc BLOCH, *Apologia da História*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p. 54).

¹⁹ Tradução nossa de: “*Philippe II et la Méditerranée: beau sujet. Mais pourquoi pas la Méditerranée et Philippe II? Un autrement grand sujet encore? Car entre ces deux protagonistes, Philippe et la Mer Intérieure, la partie n’est pas égale...*”, reminiscência de Febvre em artigo antes publicado na *Revue historique*, vol. 203, p. 216-224, 1950 e republicada em CLARK, 1999.

²⁰ Algo reconhecido ainda na mesma página (“*Essa é uma definição mais restrita do que a do grande pioneiro da história mediterrânica, Fernand Braudel, que às vezes abrangeu lugares além do Mediterrâneo*”), detalhando um pouco mais adiante (p. 22-23).

²¹ Haveria um 5º Mediterrâneo? Tudo leva a crer que sim, pois a partir da metade final do século III d.C. a unidade já não é a mesma, com a bacia oriental gradativamente avançando em um processo de distanciamento da parte ocidental. Neste caso, o desafio à Roma do império de Palmira com a sua rainha, Zenóbia poderia ser um marco. Todavia como o Curso não dispunha de tempo hábil para ir além dos Antoninos, não houve como investigar a respeito.

²² Em média o transporte marítimo tem respondido no comércio mundial por 80% de seu volume e pouco mais de 70% em relação ao valor. Dados apresentados pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) em 2012 (UNCTAD, *Review of Maritime Transport 2012*, p. 14. Tendência mantida, apesar da UNCTAD 2020 indicar crescimento estagnado do transporte marítimo no ano (+ 0,5%), o abalo ter atingido todo o comércio.

²³ Em https://www.youtube.com/watch?v=g8L7j0D3_f8 apresentação da maquete brasileira no Centro Cultural Jerusalém. O arqueólogo Rodrigo Pereira da SILVA no programa *Evidências* na Tv Novo Tempo apresenta a de Jerusalém: https://www.youtube.com/watch?v=CXm_KiCKpYk

²⁴ Citação feita por Brotton de Alfred KORZYBSKI, "General Semantics, Psychiatry, Psychotherapy and Prevention" (1941), in _____, *Collected Writings, 1920-1950* (Fort Worth, Tex., 1990), p. 205.

²⁵ Entre produtos inexistentes nos vales fluviais a levar a Mesopotâmia para o oeste abeirando-se do "mar sem fim" a madeira de lei assinalada na busca de Gilgamesh pelo cedro do Líbano.

²⁶ Cumpre explicar essa expressão, "culturas urbanas de impacto mais duradouro". No findar do Neolítico registram-se duas extraordinárias revoluções a fornecer os parâmetros que estruturarão as sociedades mais complexas até a Revolução Industrial, identificadas corriqueiramente de Revolução Agrícola (na passagem do IXº para o VIIIº milênio, também dita Revolução Neolítica) em territórios do Antigo Oriente Próximo e, depois no ocaso do IVº milênio para o IIIº a Revolução Urbana. A primeira dessas revoluções, iniciada nas áreas altas em torno da Mesopotâmia, legando ao ser humano maior autonomia na produção de alimentos acarretou um importante crescimento demográfico, dando lugar a importantes sítios, com destaque para Çatal Hüyük na Ásia Menor e Jericó na Síria-Palestina. Há um enorme debate sobre se devemos considerá-los grandes aldeias ou cidades, com a balança pendendo cada vez mais para este lado. Ainda mais se acrescentarmos às evidências arqueológicas as reflexões teóricas de Rémy e Voyé, identificação como espaço urbano é perfeitamente cabível. Todavia estão longe de obterem o impacto das urbanizações a partir dos vales fluviais de impacto duradouro, ao passo que as anteriores não irão muito além de suas áreas e logo declinarão. É o que nos faculta tratar tais sítios como protourbanos.

²⁷ No teatro de comédia se diz fazer o papel de "escada" o ator secundário que "sem ser engraçado" entrega a piada no ritmo (ou tempo) certo para o protagonista fazer rir.

²⁸ GUARINELLO (2013: p. 54): "A ideia central é que esse processo [de progressiva integração] deve ser visto através da crescente articulação das fronteiras internas de cada comunidade local com aquelas externas". "E as define (fronteiras) logo seguir: "linhas mais ou menos definidas que separam as pessoas, sobretudo aquelas relacionadas ao controle da terra (...), dos homens e dos bens produzidos". Quanto à passagem do 2º para o 3º Mediterrâneo (p. 79): "O fechamento dos territórios em vários lugares do Mediterrâneo liga-se em dois fatores principais: o aparecimento de uma propriedade comunitária que seria o embrião da propriedade privada, e a necessidade de defesa do território agrícola das incursões de outras comunidades."

²⁹ Apresentado e desenvolvido na área da saúde pública (medicina comunitária) pelo antropólogo médico Merrill Singer (de início em estudos sobre a AIDS na década de 1990), o conceito de sindemia designa o quadro de quando a interação de duas ou mais doenças passam a causar danos maiores do que a mera soma dessas doenças.

³⁰ Sobre o teatro localizado na Babilônia vide as pp. 6 e 12 a 15 de Antonio INVERNIZZI, *Hellenism in Mesopotamia. A view from Seleucia on the Tigris In: AL-RAFIDAN* vol. XV, 1994, 1, Tokyo, The Institute for Cultural of Ancient Iraq (Kokushikan University) p. 1-24. Invernizzi também nos dá notícia na Babilônia (p. 6) de um ginásio (indicado em uma inscrição achada nas escavações) e da ágora por um comentário de Diodoro Sículo (ca. 90-30 a.C.).

³¹ Tradução nossa do original: "Greek and Roman ideologies have been held responsible for the shaping and perpetuation of a Mediterranean history tainted by its links with imperial or colonial domination. Long-lasting characteristics of Mediterranean history are implicated in the mainstream

histories of antiquity, cultural, political, social and economic, but they run counter to this critique, to promote a wider comparative pre-modern history on the largest scale”.

³² Os apêndices e anexos aqui incluídos são uma amostra do material utilizado em sala de aula na forma de diapositivos ou eslaides ou como suporte de atividade. Os recursos empregados durante a aula (imagens, vídeos, textos de ocasião etc.) já antes do início desta fase do projeto de monitoria eram depositados na área da turma no *Google Classroom*.